



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
- CÂMPUS DE MARÍLIA -
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DEIVID SPARRAPAN DE SOUZA

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PSICOLOGIA EM
DIÁLOGO: ANÁLISE DE FAKE NEWS E
DESINFORMAÇÃO NA BRASIL PARALELO**

**Marília
2026**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
- CÂMPUS DE MARÍLIA -
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DEIVID SPARRAPAN DE SOUZA

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PSICOLOGIA EM DIÁLOGO: ANÁLISE DE FAKE NEWS E DESINFORMAÇÃO NA BRASIL PARALELO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus de Marília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Rúbia Martins.

**Marília
2026**

S737c Sparrapan, Deivid
Ciência da Informação e Psicologia em diálogo: análise de fake news e desinformação na Brasil Paralelo / Deivid Sparrapan. -- Marília, 2026
113 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Rúbia Martins

1. Desinformação. 2. Fake News. 3. Psicologia Social.
4. Ciência da Informação. 5. Pós-verdade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A relevância desta pesquisa justifica-se pelos impactos da desinformação nas dinâmicas informacionais contemporâneas e na formação do pensamento social, especialmente no contexto das mídias digitais. Diante da complexidade do fenômeno das *fake news*, o estudo propõe uma abordagem interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Psicologia Social, com o objetivo de identificar e analisar estratégias de produção e disseminação de conteúdos desinformativos. A pesquisa analisa conteúdos da Brasil Paralelo apresentados sob a forma de materiais educativos ou formativos, visando compreender como determinados discursos se legitimam, simplificam temas complexos e contribuem para processos de polarização social e construção de sentidos em torno de valores, crenças e identidades. Ao considerar que a formação do pensamento social está relacionada a contextos políticos, sociais, culturais e educacionais, o estudo contribui para a compreensão das condições que favorecem a circulação da desinformação. No âmbito social e educacional, a pesquisa busca oferecer subsídios para o desenvolvimento de práticas informacionais e educativas voltadas ao pensamento crítico, ao letramento informacional e à cidadania digital. Ademais, justifica-se pela necessidade de reflexão sobre os impactos das *fake news* na democracia, na ciência e na saúde coletiva. Da mesma forma, a pesquisa encontra-se alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, em especial o ODS 4 – Educação de Qualidade, o ODS 10 – Redução das Desigualdades, o ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes, e o ODS 3 – Saúde e Bem-Estar.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The relevance of this research is justified by the impacts of disinformation on contemporary informational dynamics and on the formation of social thought, particularly within the context of digital media. Given the complexity of the phenomenon of fake news, this study adopts an interdisciplinary approach between Information Science and Social Psychology, aiming to identify and analyze strategies for the production and dissemination of disinformative content. The research examines content produced by Brasil Paralelo and presented in the form of educational or formative materials, seeking to understand how certain discourses become socially legitimized, simplify complex issues, and contribute to processes of social polarization and the construction of meanings related to values, beliefs, and identities. By considering that the formation of social thought is closely linked to political, social, cultural, and educational contexts, the study contributes to the understanding of the conditions that foster the circulation of disinformation. Within the social and educational domains, the research seeks to provide support for the development of informational and educational practices oriented toward critical thinking, information literacy, and digital citizenship. Furthermore, the study is justified by the need to reflect on the impacts of fake news on democracy, science, and public health. Likewise, this research is aligned with the Sustainable Development Goals of the 2030 Agenda, particularly Goal 4 – Quality Education, Goal 10 – Reduced Inequalities, Goal 16 – Peace, Justice and Strong Institutions, and Goal 3 – Good Health and Well-being.

DEIVID SPARRAPAN DE SOUZA

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PSICOLOGIA EM DIÁLOGO:
análise de fake news e desinformação na Brasil Paralelo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus de Marília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Data da defesa: 08/04/2026

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rúbia Martins
Membro Titular (Presidente e Orientadora)
Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília)

Profa. Dra. Rosângela Formentini Caldas
Membro Titular Universidade Estadual Paulista
(Unesp/Marília)

Profa. Dra. Camila Araújo dos Santos
Membro Titular
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que amo, por estarem comigo nesta etapa, e também àquelas que contribuíram para que o desenvolvimento deste estudo fosse possível, direta ou indiretamente. Dedico, ainda, ao Deivid de 2023, que tomou a decisão e sustentou o desejo de ser mestre. Devemos sempre seguir pelo caminho que é possível, sou grato pelo privilégio deste caminho ser possível para mim.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Sou grato pela CAPES, por ter subsidiado o meu trabalho nesta pesquisa com uma bolsa de Mestrado. Também agradeço à Pró-reitoria de Pós-graduação da Unesp por me aprovar no edital e permitir que eu fizesse parte da comunicação de uma das maiores universidades do país, auxiliando na divulgação dos programas de pós-graduação dessa instituição que eu tenho tanto orgulho e carinho.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Rúbia Martins, que desde o primeiro momento me acolheu, fez com que a pesquisa deixasse de ser algo difícil e que a leitura fosse uma companheira cotidiana, e agradeço à Rúbia que antes de doutora, professora e orientadora é um ser humano que admiro e me inspiro, obrigado por este encontro. Também deixo um agradecimento especial à Professora Doutora Rosângela Formentini Caldas, que fez parte da orientação deste trabalho, trazendo contribuições indispensáveis para a sua elaboração e conclusão, o pesquisador que me torno a cada pesquisa sempre terá um pouco desta professora. Algumas profissões supervalorizam o título de doutor, mas para mim, chamar um profissional de professor é a maior forma de prestígio e valorização, portanto, tenho o orgulho de sempre me referir a estas duas como professoras.

Agradeço às professoras que compuseram a banca de qualificação deste trabalho e a banca de defesa. Antes de tudo, me coloco no lugar de aprendiz, sendo uma honra ouvir e aprender com quem já passou por esta etapa do caminho e pôde ser apoio na construção desta pesquisa. É como ter um pouco de cada professora no desenvolvimento deste trabalho e isto é uma honra para mim.

Agradeço à minha família, especialmente ao Cassius e a Daniele, onde a frase popular “andar para que o outro pudesse correr” faz total sentido na nossa dinâmica, ter um pai e uma mãe presentes neste momento é essencial. Escolher voltar a estudar no momento em que a carreira está demandando tempo e investimento não é fácil, mas eles fizeram toda a base para que os impactos fossem os menores possíveis. Eu só consegui me dedicar intensamente ao mestrado durante estes dois anos porque eles cuidaram todo o resto. Esse é o meu maior

privilégio.

Agradeço ao Pedro, obrigado por ser a minha companhia diária, quando nos conhecemos eu estava no início, agora chegando ao fim você continua sendo o meu descanso. Freud escreveu em uma de suas cartas para a esposa: “Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada”. Muito da minha força veio da segurança que me foi passada, obrigado.

Agradeço a todos os meus amigos, pelas noites de vinhos, pelos bares, pela compreensão e pelo apoio. Atualmente tenho amigos em diversas regiões do país e do mundo, trabalhando e seguindo seus sonhos, também tenho aqueles que estão por perto. Quando vemos alguém realizando sonhos, os nossos passam a ser tornar possíveis. Eu tenho as melhores referências.

Agradeço aos colegas da pós-graduação, que me auxiliaram diretamente no desenvolvimento desta e de outras pesquisas, também àqueles que muitas vezes serviram como fonte de alívio por mostrar que estava tudo bem, no fim das contas, estávamos todos no mesmo barco.

Agradeço à Deus, ao universo e à quem esteve lá em cima ouvindo as minhas preces e cuidando tão bem de mim durante esses dois anos. Os caminhos sempre estiveram abertos para mim e nos momentos de maior pressão, algo sempre me deu forças e me tranquilizou. Gratidão.

Por fim, agradeço ao Deivid. Em um mundo ansioso, esperando por resultados instantâneos, escolher um caminho difícil e ter que dizer não, muitas vezes, para os próprios desejos por estabelecer uma meta e lutar por ela até o fim, é quase que utópico. Obrigado por lembrar que se eles não conseguem, você consegue. E neste agradecimento gostaria de incluir a minha analista e o meu processo de análise, eu só cheguei até aqui porque estou há anos construindo as bases de quem eu sou.

“No fim das contas, a felicidade não cai do céu e não se compra na farmácia, se quer ser feliz, você precisa trabalhar para isso e nem sempre será prazeroso.”

*“Vou mostrando como sou
e vou sendo como posso,
jogando meu corpo no mundo,
andando por todos os cantos.
E, pela lei natural dos encontros,
eu deixo e recebo um tanto.”
(Novos Baianos, Mistério do Planeta, 1972)*

RESUMO

A intensificação dos fluxos informacionais no ambiente digital tem ampliado a circulação de conteúdos enganosos, tornando a desinformação um dos desafios centrais das sociedades contemporâneas. Nesse contexto, fenômenos como as *fake news* e a pós-verdade passam a desempenhar papel significativo na formação de percepções sociais, influenciando debates públicos e processos de produção de sentido. Diante desse cenário, esta dissertação tem como objetivo analisar como conteúdos relacionados à psicologia são mobilizados na produção e disseminação de narrativas potencialmente desinformativas no ambiente digital, tendo como campo empírico a plataforma Brasil Paralelo. O estudo fundamenta-se em uma abordagem interdisciplinar que articula contribuições da Ciência da Informação e da Psicologia Social, especialmente a Teoria das Representações Sociais. A partir desse diálogo teórico, busca-se compreender tanto os fluxos informacionais que permitem a circulação desses conteúdos quanto os processos simbólicos envolvidos em sua recepção e interpretação. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, utilizando como técnica de análise a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). O corpus documental foi constituído por textos publicados na categoria Psicologia da plataforma Brasil Paralelo, selecionados a partir de critérios de visibilidade e alcance público. A análise concentrou-se na identificação de categorias que permitissem compreender as estratégias discursivas, simbólicas e narrativas presentes nos conteúdos analisados. Os resultados indicam que os textos analisados mobilizam recursos narrativos, metáforas simbólicas e argumentos de autoridade para produzir interpretações da realidade que dialogam com determinadas representações sociais, contribuindo para a construção de sentidos sobre temas psicológicos. Tais estratégias evidenciam a importância de compreender a desinformação não apenas como um problema informacional, mas também como um fenômeno simbólico e social, relacionado à produção de significados e à disputa por interpretações da realidade no ambiente digital.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Desinformação; *Fake news*; Pós-verdade; Psicologia Social.

ABSTRACT

The intensification of information flows in the digital environment has increased the circulation of misleading content, making disinformation one of the central challenges facing contemporary societies. In this context, phenomena such as fake news and post-truth have come to play a significant role in shaping social perceptions, influencing public debates and processes of meaning-making. Against this backdrop, this dissertation aims to analyze how psychology-related content is mobilized in the production and dissemination of potentially misleading narratives in the digital environment, using the Brasil Paralelo platform as its empirical field. The study is grounded in an interdisciplinary approach that integrates contributions from Information Science and Social Psychology, particularly Social Representation Theory. Based on this theoretical dialogue, the study seeks to understand both the information flows that enable the circulation of this content and the symbolic processes involved in its reception and interpretation. Methodologically, the research is characterized as qualitative, exploratory, and descriptive in nature, using Content Analysis as proposed by Bardin (2011) as the analytical technique. The documentary corpus consisted of texts published in the Psychology category of the Brasil Paralelo platform, selected based on criteria of visibility and public reach. The analysis focused on identifying categories that would enable an understanding of the discursive, symbolic, and narrative strategies present in the analyzed content. The results indicate that the analyzed texts employ narrative devices, symbolic metaphors, and appeals to authority to produce interpretations of reality that engage with specific social representations, thereby contributing to the construction of meaning regarding psychological topics. Such strategies highlight the importance of understanding disinformation not only as an informational problem, but also as a symbolic and social phenomenon, related to the production of meanings and the contest over interpretations of reality in the digital environment.

Keywords: Disinformation; Fake news; Information Science; Post-truth; Social Psychology.

LISTA DE FIGURAS

	P.
Figura 1 - Escolha de categoria na plataforma Brasil Paralelo	70

LISTA DE QUADROS

	P.
Quadro 1 - Informação, misinformation e desinformação segundo Floridi	20
Quadro 2 - Dimensões analíticas da desinformação	26
Quadro 3 - Síntese conceitual dos fenômenos investigados	45
Quadro 4 - Síntese conceitual dos processos das Representações Sociais	58
Quadro 5 - Síntese dos textos analisados	77
Quadro 6 - Categorias analíticas, unidades de registro e indicadores	85
Quadro 7 - Síntese da análise das representações sociais nos textos da Brasil Paralelo	86

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- CI** - **Ciência da Informação**
- COINFO** - **Competência em Informação**
- FIOCRUZ** - **Fundação Oswaldo Cruz**
- IA** - **Inteligência Artificial**
- MS** - **Ministério da Saúde**
- OMS** - **Organização Mundial da Saúde**
- SUS** - **Sistema Único de Saúde**
- TRS** - **Teoria das Representações Sociais**
- UNESCO** - **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**

SUMÁRIO

	P.	
1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Hipótese	14
1.2	Problema de pesquisa.....	15
1.3	Justificativa.....	15
1.4	Objetivos.....	17
2	DESINFORMAÇÃO, FAKE NEWS E PÓS-VERDADE: FUNDAMENTOS CONCEITUAIS.....	19
2.1	Desinformação.....	22
2.2	Fake News.....	27
2.3	Pós-verdade.....	36
2.4	Articulação conceitual entre desinformação, fake news e pós-verdade.....	40
2.5	Ciência da Informação: a ambivalência da informação e os fluxos simbólicos.....	47
3	PSICOLOGIA SOCIAL E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	50
3.1	Psicologia Social e construção do sentido.....	50
3.2	Teoria das Representações Sociais: gênese e desenvolvimento..	52
3.3	Representações sociais, mídia e desinformação.....	60
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	64
4.1	Método.....	65
4.2	Universo do estudo.....	65
4.3	Procedimentos de coleta de dados.....	69
4.4	Procedimentos de análise de dados.....	73
5	ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	76
5.1	Pré-análise.....	77

5.2	Tratamento dos resultados e interpretação.....	81
5.3	Discussão dos Resultados.....	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS.....	96

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno das *fake news* consolidou-se como uma das principais expressões da desordem informacional contemporânea, impactando de forma profunda e transversal as dinâmicas sociais, políticas e cognitivas da cultura digital, como apontam Wardle e Derakhshan (2017). Em contextos marcados por polarizações ideológicas, crises sanitárias e transformações tecnológicas aceleradas, a circulação de conteúdos falsos ou manipulados tornou-se um dos grandes desafios para a democracia, o debate público e a produção de conhecimento. A partir dos estudos de Cinelli *et al.* (2020), pode-se dizer que a pandemia da COVID-19 evidenciou como a desinformação pode comprometer políticas de saúde pública, gerar hesitação vacinal e alimentar teorias conspiratórias que desestabilizam instituições. Da mesma forma, Tucker *et al.* (2018) aponta em seus estudos que processos eleitorais no Brasil, nos Estados Unidos e em países da Europa foram marcados por campanhas de desinformação que mobilizam desafetos e deslegitimam adversários políticos.

Fake news, termo popularizado para designar notícias falsas, fabricadas deliberadamente para enganar ou manipular o público, são geralmente veiculadas com aparência de veracidade, mas carecem de comprovação factual ou evidência empírica. Nesse sentido, Araújo traz a seguinte definição:

[...] Fake news portanto são mentiras travestidas de jornalismo. Elas podem ter origem em um site que copia, na aparência, as características de um site jornalístico; podem ter como nome ou endereço web o mesmo nome de uma instituição já existente, com uma letra trocada; podem ser assinadas por pessoas que se apresentam como jornalistas sem serem, ou por pessoas com o nome quase idêntico ao de jornalistas ou colunistas reconhecidos e respeitados. O texto utiliza a estrutura típica do jornalismo – linguagem, entrevistas, apoio em avaliações de especialistas, imagens, entre outros. (ARAÚJO, 2021, p. 4)

Já a desinformação refere-se a um fenômeno mais amplo, que envolve não apenas a criação, mas também a disseminação intencional ou acidental de informações falsas, enganosas ou fora de contexto, com o potencial de causar danos individuais ou coletivos. Sobre isto, Araújo (2024, p. 31) acrescenta: “[...] O

cenário informacional contemporâneo tem sido marcado por novas condições de produção, circulação e utilização de informações, nas quais a ampla circulação de conteúdos parcial ou totalmente falsos e enganosos adquiriu uma grande importância”.

Ambas as expressões inserem-se em um ecossistema comunicacional no qual a circulação de informações está atravessada por processos culturais de produção de sentido. Nessa perspectiva, a verdade factual não opera como único critério de validação, pois, conforme argumenta Hall (1997), o sentido é produzido nas práticas de expressão, consumo e apropriação de objetos culturais, sendo continuamente elaborado na e pela linguagem.

Nos últimos anos, a emergência de tecnologias de inteligência artificial generativa, como *deepfakes* e modelos de linguagem capazes de simular discursos humanos, introduziu uma nova camada de complexidade ao ecossistema informacional. Para Weidinger *et al.* (2021), essas ferramentas potencializam a criação automatizada de notícias falsas, dificultam a verificação de conteúdos e desafiam os limites entre o real e o fabricado. Cornella (1996) acrescenta que a abundância de informação, somada à lógica algorítmica das plataformas digitais, cria um cenário de infoxicação, entendida como a dificuldade de absorver a sobrecarga de dados disponíveis no ambiente digital e de discernir a autenticidade, credibilidade e relevância dessas informações, configurando-se como uma forma de intoxicação cognitiva decorrente da profusão informacional, e de competição simbólica, no qual a verdade factual é frequentemente substituída por narrativas emocionalmente convincentes.

Diante desse cenário, este trabalho propõe uma análise interdisciplinar da desinformação e das *fake news*, articulando dois campos do saber: a Ciência da Informação e a Psicologia Social. A primeira volta-se para a compreensão dos fluxos informacionais, suas mediações, disputas e impactos sociais, reconhecendo que os processos de produção, circulação e apropriação da informação estão cada vez mais atravessados por dinâmicas sociotécnicas e culturais complexas; a segunda, especialmente por meio da Teoria das Representações Sociais, permite analisar como determinadas informações são internalizadas pelos sujeitos, transformando-se em crenças, atitudes e comportamentos, como pode ser observado nos estudos de Moscovici (1978) e Jodelet (2001). O entrelaçamento dessas duas áreas oferece um aporte teórico-metodológico para a compreensão da desinformação, consequência

da disseminação de *fake news*, como fenômeno não apenas comunicacional, mas também cognitivo e afetivo.

Na Ciência da Informação, a informação é compreendida como um processo relacional que envolve tanto o emissor quanto o receptor, sendo filtrada pela subjetividade, pelas experiências prévias e pelo contexto sociocultural de cada indivíduo, sendo possível chegar nesta compreensão a partir dos estudos de Capurro (2007). Já no campo da Psicologia Social, as representações sociais são definidas como processos simbólicos por meio dos quais indivíduos e grupos atribuem significados ao mundo, reconfigurando o real de acordo com suas referências culturais e afetivas, sendo o estudo das “TRS” de Moscovici (2003). Assim, compreender como a desinformação e *fake news* são interpretadas, ressignificadas e apropriadas exige uma análise que vá além do conteúdo em si e examine os contextos e os sentidos que os sujeitos constroem a partir dessas informações.

Este estudo toma como objeto empírico a produtora de conteúdo Brasil Paralelo, fundada em 2016 e marcada por uma atuação ideológica conservadora, voltada à reinterpretação da história, da ciência e da política brasileira a partir de uma perspectiva revisionista. A escolha dessa produtora se justifica por sua crescente influência nas redes sociais digitais, seu alcance em escolas por meio de cursos e videoaulas, e pela recorrente veiculação de conteúdos que deslegitimam saberes científicos e instituições democráticas, como aponta Dias (2019). Além disso, a Brasil Paralelo representa um exemplo concreto de como estratégias narrativas e recursos audiovisuais são utilizados para construir discursos que operam no campo da desinformação, especialmente ao tratar de temas psicológicos, emocionais e comportamentais.

1.1 Hipótese

A hipótese do nosso trabalho gira em torno da ideia de que os conteúdos da plataforma Brasil Paralelo, sob o rótulo de “educativos” ou “formativos”, mobilizam interpretações que contribuem para a simplificação de conceitos complexos, a polarização e a produção de sentido em torno de valores, crenças e identidades.

1.2 Problema de pesquisa

A partir dessa hipótese, a presente pesquisa visa a responder o seguinte problema: quais os impactos da desinformação e das fake news nas dinâmicas informacionais relacionadas à formação do pensamento social, e de que forma a Ciência da Informação e a Psicologia Social podem contribuir para a compreensão desses efeitos?

1.3 Justificativa

Do ponto de vista pessoal, a escolha pelo tema e pela categoria da Psicologia está diretamente relacionada à minha atuação como psicólogo clínico, na qual observo, de forma recorrente, os impactos da desinformação na vida psíquica dos sujeitos, especialmente no que diz respeito à ansiedade, insegurança e construção de crenças mediadas por conteúdos das redes sociais. Essa proximidade prática com o fenômeno também se articula à minha atuação no campo da comunicação digital, onde produzo conteúdos voltados à saúde mental e divulgação da pós-graduação nas redes sociais, o que me permite acompanhar de perto as dinâmicas de circulação, recepção e disputa de sentidos no ambiente informacional contemporâneo. Dessa forma, a escolha do tema não se limita a um interesse teórico, mas emerge de uma vivência profissional que integra clínica, pesquisa e comunicação, reforçando a pertinência de investigá-lo a partir de uma perspectiva psicológica.

Do ponto de vista científico, este estudo se justifica pela relevância crescente do fenômeno da desinformação e das *fake news* como objeto de investigação interdisciplinar, isto pode ser compreendido a partir das pesquisas de Wardle e Derakhshan (2017). A aproximação entre a Ciência da Informação e a Psicologia Social oferece um campo fecundo para compreender não apenas os fluxos e estruturas informacionais que sustentam informações falsas, saber desenvolvido nos estudos Floridi (1996), mas também os processos cognitivos e afetivos envolvidos

em sua recepção e circulação (viés de confirmação e respostas emocionais), pois, segundo Silva (2023), a complexidade das *fake news* exige abordagens interdisciplinares, uma vez que seu entendimento e enfrentamento passam por dimensões linguísticas, psicológicas, tecnológicas e sociais. A partir das ideias de Hall (2016), a articulação entre esses dois campos permite avançar na compreensão dos mecanismos simbólicos e discursivos que operam na construção social dos sentidos, reconhecendo que o significado é produzido no interior de práticas representacionais e regimes discursivos. Além disso, o estudo contribui para o fortalecimento das pesquisas brasileiras sobre desinformação, e propõe um olhar inovador ao tratar o fenômeno a partir das dimensões subjetivas e simbólicas que o constituem.

Socialmente, o tema assume relevância incontornável diante dos impactos da desinformação na vida pública, nas decisões políticas e na saúde coletiva. A circulação sistemática de conteúdos falsos ou manipulados compromete a qualidade do debate democrático, enfraquece a confiança nas instituições e tensiona o convívio social ao intensificar processos de polarização e intolerância. Conforme demonstram Silva e Oliveira (2024), a desinformação nas redes sociais atua como vetor de radicalização discursiva, afetando a racionalidade deliberativa essencial ao regime democrático.

Em perspectiva internacional, a Unesco (2019) reconhece que o fenômeno da desinformação configura um problema estrutural das democracias contemporâneas, ao desafiar simultaneamente o jornalismo, a educação midiática e a circulação de conhecimento científico. Wardle e Derakhshan (2017), ao proporem o conceito de “desordem informacional”, destacam que o problema não se limita à falsidade factual, mas envolve estratégias de manipulação, enquadramento e recontextualização capazes de produzir efeitos concretos sobre percepções e comportamentos sociais.

Nesse cenário, a emergência de produtores de conteúdo que articulam estética documental, discurso pedagógico e posicionamento ideológico, como é o caso da *Brasil Paralelo*, evidencia como determinados enunciados adquirem legitimidade social por meio de estratégias discursivas que mobilizam afetos, identidade e autoridade simbólica. A análise desse tipo de produção torna-se socialmente relevante porque permite compreender os mecanismos pelos quais narrativas ideologicamente orientadas se apresentam como conhecimento legítimo,

influenciando a formação de opinião e a construção da realidade social.

O interesse por este tema surgiu da observação cotidiana de como as redes sociais influenciam a percepção das pessoas sobre si mesmas, sobre o outro e sobre o mundo. A crescente presença de conteúdos falsos ou manipulados, que circulam sob a aparência de informação legítima, despertou a necessidade de compreender como esses discursos afetam o modo como os sujeitos constroem crenças, opiniões e identidades. Como psicólogo pesquisador da área da Ciência da Informação, a escolha pelo estudo da desinformação e das *fake news* representa também um compromisso pessoal com a promoção de uma leitura crítica e ética dos conteúdos digitais, especialmente em um cenário de sobrecarga informacional e fragilidade nas mediações do conhecimento.

1.4 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é compreender como se opera a inter-relação entre a Ciência da Informação e a Psicologia Social na identificação de desinformação e *fake news* e de desinformação em conteúdos da Brasil Paralelo relacionados à psicologia. Como objetivos específicos, propõe-se: (a) Mapear as estratégias discursivas na construção de sentidos nos conteúdos presentes na Plataforma Brasil Paralelo; (b) identificar representações sociais mobilizadas nos textos selecionados; (c) discutir os impactos das estratégias desinformativas na construção do pensamento social e na percepção de temas ligados à subjetividade humana; e (d) contribuir para a leitura crítica e identificação de desinformação em conteúdos sobre psicologia nas mídias sociais.

A partir disso, a presente dissertação organiza-se em sete seções, além das referências bibliográficas, buscando estruturar de forma progressiva os fundamentos teóricos, o percurso metodológico e a análise do objeto de estudo. A primeira seção, correspondente a esta Introdução, apresentou o contexto geral da pesquisa, situando o tema no campo dos estudos sobre desinformação e seus desdobramentos no ambiente digital. Nessa etapa também foram explicitados o problema de pesquisa, a justificativa que sustenta a relevância do estudo e os objetivos que orientam a investigação.

A segunda seção, intitulada Desinformação, *fake news* e pós-verdade: fundamentos conceituais, reúne o referencial teórico central da pesquisa. Nela são discutidos os conceitos de desinformação, *fake news* e pós-verdade, bem como suas aproximações e distinções conceituais. Ainda nessa seção, são mobilizadas contribuições da Ciência da Informação, especialmente no que se refere à ambivalência da informação e aos fluxos simbólicos que atravessam os ambientes informacionais contemporâneos, oferecendo bases para compreender a complexidade desses fenômenos no cenário atual.

Na terceira seção, Psicologia Social e a Teoria das Representações Sociais, são apresentados os fundamentos da Psicologia Social relacionados à construção do sentido e às formas pelas quais os indivíduos interpretam a realidade social. A seção também aborda a gênese e o desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais, bem como suas articulações com a mídia e os processos de desinformação, permitindo compreender como determinados conteúdos informacionais são apropriados, ressignificados e compartilhados no cotidiano social.

A quarta seção dedica-se ao campo empírico da pesquisa, abordando a Brasil Paralelo, com a caracterização do objeto de estudo e a apresentação de elementos relacionados à sua origem e consolidação. Na quinta seção são descritos os procedimentos metodológicos adotados na investigação, contemplando os processos de coleta e análise dos dados, fundamentados na técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). A sexta seção concentra-se na análise e apresentação dos resultados, incluindo as etapas de pré-análise, tratamento dos resultados e interpretação dos dados, bem como a discussão dos achados à luz dos referenciais teóricos da Ciência da Informação e da Psicologia Social. Por fim, a sétima seção apresenta as considerações finais, nas quais são retomadas as principais conclusões da pesquisa, suas contribuições para o campo científico, as limitações do estudo e as possibilidades para investigações futuras sobre os impactos da desinformação e das *fake news* na sociedade contemporânea.

2 DESINFORMAÇÃO, FAKE NEWS E PÓS-VERDADE: FUNDAMENTOS CONCEITUAIS

Antes de abordar especificamente os fenômenos da desinformação, das *fake news* e da pós-verdade, é necessário delimitar o entendimento de informação adotado nesta pesquisa. Afinal, a compreensão desses fenômenos depende da forma como se concebe a própria natureza da informação, seus critérios de validade e suas condições de veracidade.

No campo da filosofia da informação, Dretske (1981) sustenta que a informação possui natureza eminentemente semântica, estando vinculada à transmissão de conteúdos verdadeiros. Para o autor, um dado só pode ser considerado informação se estiver corretamente relacionado ao estado de coisas que representa. Assim, a informação implica uma correlação objetiva com a realidade, sendo incompatível com a falsidade. Nessa perspectiva, o autor acrescenta: “Assim, a informação implica uma correlação objetiva com a realidade, sendo incompatível com a falsidade. Nessa perspectiva, “um sinal carrega a informação de que *s* é *F* apenas se a probabilidade de *s* ser *F*” (DRETSKE, 1981, p. 45, tradução nossa). Desse modo, conteúdos falsos não configuram informação em sentido estrito, mas falhas no processo informacional.

Portanto, um evento físico carrega informação quando mantém uma correlação objetiva com o estado de coisas que representa. Assim, a informação não se reduz ao suporte material do sinal, mas envolve conteúdo significativo sobre algo no mundo.

Nesse sentido, a intencionalidade torna-se central, pois estados informacionais estão relacionados a estados mentais que se referem a objetos ou situações. Como observa Teixeira (1989), a informação, para Dretske, é um fenômeno natural que fundamenta representações mentais verdadeiras. Dessa forma, conteúdos falsos não configuram informação em sentido estrito. Essa concepção semântica servirá de base para a formulação posterior de Floridi (2005), que sistematiza a relação entre significado e verdade na definição de informação.

Considerando a polissemia da noção de informação semântica, Floridi (2005) propõe uma delimitação conceitual que distingue informação propriamente dita de

formas degradadas de conteúdo informacional. Para o autor, informações semânticas são dados bem formados, dotados de significado e contingentemente verdadeiros. A veracidade, portanto, não é elemento acidental, mas condição necessária para que um conteúdo seja classificado como informação em sentido estrito.

A discussão conceitual acerca da informação também se articula às formas de sua institucionalização. Segundo Rabello (2019), a institucionalidade da informação pode ocorrer em graus variados de formalização, configurando redes mais ou menos referendadas socialmente. Em contextos mais formais, observam-se instituições públicas e privadas respaldadas por normas legais e estruturas organizacionais estáveis; em contextos menos formais, essa institucionalidade manifesta-se, por exemplo, em redes sociais digitais, arquivos pessoais, bibliotecas e museus comunitários, bem como nas dinâmicas de interconexão do ciberespaço, tanto na visible web quanto na invisible web. Esses distintos arranjos compreendem sistemas de armazenamento, mediação e recuperação de produtos e serviços informacionais em múltiplos contextos.

Ao longo desses vínculos mais ou menos formais, a institucionalidade pode ter como elemento agregador o viés de confirmação dos sujeitos, orientando a circulação de informação (*information*) e/ou desinformação (*disinformation*) ou misinformação (*misinformation*). Tais conceitos, embora frequentemente utilizados de maneira indistinta no debate público, distinguem-se em termos semânticos e lógicos. Nesse sentido, para fundamentar analiticamente essa diferenciação, recorre-se à sistematização proposta por Floridi (2005), apresentada no quadro a seguir.

Quadro 1 – Informação, misinformação e desinformação segundo Floridi

Categoria	Definição	Critério de verdade	Intencionalidade
Informação	Conteúdo semântico verídico	Verdadeiro	Não se aplica
Misinformação	Conteúdo semântico inverídico, quando a fonte não estiver ciente disso	Falso	Ausente
Desinformação	Conteúdo semântico	Falso	Presente

	inverídico, quando a fonte está ciente disso		
--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria a partir de Floridi (2005).

Essa distinção evidencia que a diferença entre misinformação e desinformação não reside na estrutura semântica do conteúdo — que pode ser igualmente organizado e plausível em ambos os casos —, mas na dimensão intencional envolvida em sua produção e circulação. Ao preservar a exigência de veracidade como critério definidor da informação, Floridi (2005) estabelece uma base epistemológica rigorosa para compreender os fenômenos contemporâneos de degradação informacional. Tal fundamento será relevante para, nas subseções seguintes, analisar a desinformação e as fake news não apenas como erros comunicativos, mas como práticas inseridas em dinâmicas sociotécnicas e políticas específicas.

Quando o conteúdo é falso, ainda que semanticamente estruturado, não se trata de informação, mas de pseudoinformação. Nesse contexto, Floridi distingue a misinformação como conteúdo semanticamente significativo, porém inverídico, transmitido sem a intenção de enganar. Já a desinformação corresponde ao conteúdo igualmente falso, mas difundido com intencionalidade deliberada de produzir erro ou manipulação (Floridi, 1996).

Por fim, a propagação de informações falsas, enganosas ou distorcidas tem se tornado uma das principais preocupações na sociedade contemporânea, em especial no ambiente digital, marcado pelo consumo rápido e massivo de conteúdos. Nesse contexto, conteúdo pode ser definido como:

[...] refere-se a mensagens significativas, que abrangem muitos tipos de qualidades e formatos tecnológicos. O conteúdo inclui informação, junto com (e muitas vezes eclipsada por) outros tipos de significados que priorizam as dimensões de entretenimento (por exemplo, filmes), educativas (por exemplo, documentários) ou de persuasão (por exemplo, publicidade). O conteúdo também inclui informação falsa, desinformação e discurso de ódio que exploram gêneros encontrados no conteúdo de informação e entretenimento, por exemplo, e se disfarçam como se não tivessem outras agendas. (UNESCO, 2023, p. 393, tradução nossa)

Fenômenos como as *fake news* não apenas desafiam a credibilidade da imprensa e da ciência, mas também influenciam percepções políticas, decisões

individuais e coletivas. Para a Ciência da Informação, compreender esses fenômenos é crucial, uma vez que eles comprometem processos de validação, circulação e apropriação de conteúdos confiáveis. Como aponta Capurro (2003), a informação não é neutra, e seu valor depende do contexto social e ético em que é produzida e interpretada.

Esta seção propõe uma análise aprofundada desses conceitos, destacando suas características centrais, pontos de contato e diferenças conceituais. Ao longo das subseções, serão abordados os fenômenos de desinformação, *fake news*, e pós-verdade, considerando contribuições teóricas nacionais e internacionais, estudos empíricos recentes e exemplos de impacto na sociedade brasileira.

2.1 Desinformação

É importante distinguir desinformação de outros fenômenos correlatos dentro do que se convencionou chamar de “desordem informacional”. Nesse contexto, Wardle e Derakhshan (2017) propõem uma tipologia que diferencia a *misinformation* (informação falsa compartilhada sem intenção de causar dano), da *disinformation* (informação falsa criada e compartilhada com o objetivo explícito de causar dano) e da *malinformation* (informação baseada na realidade, mas utilizada fora de contexto ou de forma maliciosa). A desinformação, portanto, é uma categoria mais abrangente do que as *fake news* e inclui diversos tipos de conteúdo enganosos, manipulados ou fora de contexto, que circulam com ou sem intenção de causar prejuízo.

A desinformação se ancora também na lógica da economia da atenção, como apontado por Davenport e Beck (2001), que valoriza o conteúdo não por sua veracidade, mas por sua capacidade de capturar o olhar do usuário. O excesso de informação no ambiente digital leva à escassez de atenção, tornando-a um bem valioso que as plataformas disputam. Assim, conteúdos com forte apelo emocional, simplificações ideológicas ou teorias conspiratórias têm mais chances de serem disseminados.

Nesse contexto, o que Debord (1997) descreveu como sociedade do espetáculo transforma-se no que Ventura (2020) chama de infoespetáculo: uma

realidade mediada por imagens e narrativas dramáticas que obscurecem a análise crítica. O consumo de *fake news* está, portanto, relacionado ao desejo de pertencimento simbólico, à identificação afetiva com discursos e à necessidade de afirmar visões de mundo previamente consolidadas.

O conceito de desinformação apresenta maior amplitude e complexidade do que o de *fake news*, pois não se restringe ao formato jornalístico ou ao conteúdo noticioso. Trata-se de um fenômeno estruturante do ambiente informacional contemporâneo, que envolve diferentes práticas de manipulação de dados, imagens, vídeos e narrativas, configurando-se como um processo de produção, circulação e recepção de informações enganosas em escala. Pode-se dizer que a desinformação é:

[...] ao mesmo tempo, uma disfunção dos sistemas sociais de produção e distribuição de conhecimento, uma atitude deliberada de determinados atores para obter vantagens, uma construção social cotidiana por meio da atitude valorativa dos indivíduos e uma condição de alienação dos sujeitos no âmbito de sua vida coletiva. (ARAÚJO, 2024, p. 47)

Wardle e Derakhshan (2017), em relatório elaborado para o Conselho da Europa, introduzem o conceito de “desordem informacional”, estabelecendo três categorias fundamentais: *misinformation*, quando uma informação falsa é compartilhada sem intenção de enganar; *disinformation*, quando o conteúdo é produzido e disseminado de forma deliberada com a finalidade de enganar; e *malinformation*, quando informações verdadeiras são retiradas de contexto ou usadas de modo a causar danos a indivíduos, grupos ou instituições. Essa tipologia ampliou a compreensão acadêmica sobre os fenômenos de circulação de falsidades, permitindo distinguir as dimensões éticas e intencionais que diferenciam práticas de engano.

Do ponto de vista da Ciência da Informação (CI), a desinformação é entendida como uma prática que distorce processos comunicacionais, fragiliza a confiabilidade social e interfere na mediação do conhecimento, mediação esta podendo ser definida como:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de

informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92)

Ireton e Posetti (2019), em relatório da Unesco, reforçam que a desinformação mina a confiança em fontes institucionais e compromete a integridade do espaço público. Araújo (2020), ao refletir sobre a epistemologia da CI, destaca que a desinformação não é apenas ausência de verdade, mas uma estratégia ativa de disputa simbólica, que atua sobre a forma como o conhecimento é organizado e validado. Nesse sentido, a desinformação coloca em xeque uma das funções centrais da área: garantir o acesso equitativo, confiável e qualificado à informação.

No Brasil, o debate na agenda política, e sua popularização, em torno da desinformação ganhou relevância sobretudo com o Projeto de Lei n.º 2630/2020, conhecido como “*PL das Fake News*”, que buscou regulamentar a atuação das plataformas digitais na moderação de conteúdos. No entanto, em junho de 2020, a votação do projeto foi retirada da pauta e adiada no Senado Federal, após pedido do autor e de líderes parlamentares, em virtude da ausência de parecer consolidado e da necessidade de maior debate sobre o conteúdo da proposta.

Mais do que episódios isolados de *fake news*, observa-se a consolidação de ecossistemas de desinformação, nos quais grupos organizados produzem, financiam e disseminam conteúdos falsos em redes sociais, visando moldar percepções coletivas e influenciar decisões políticas, como apontam Reis e Serra (2021). Esse caráter sistêmico diferencia a desinformação de outros tipos de falsidade informacional, destacando sua dimensão estratégica.

Pesquisas recentes evidenciam a força da desinformação em áreas sensíveis como saúde, meio ambiente e eleições. Em estudo bibliométrico, Silva, Ferro e Araújo (2025), demonstram o crescimento exponencial da produção acadêmica brasileira sobre desinformação, sinalizando sua centralidade na agenda da Ciência da Informação. Essa ampliação reflete não apenas a preocupação acadêmica, mas também o impacto social que tais práticas têm produzido na vida cotidiana.

Exemplos concretos reforçam a gravidade do problema. Durante a pandemia da COVID-19, a circulação de conteúdos falsos sobre a eficácia da cloroquina e de discursos antivacina comprometeu campanhas de imunização e fortaleceu posturas negacionistas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) chegou a classificar a

desinformação como uma das principais ameaças à saúde pública, alertando que narrativas enganosas sobre tratamentos e vacinas podem desestimular a procura pelos imunizantes e prejudicar a proteção coletivamente necessária para conter a pandemia, como consta em publicação do Ministério da Saúde (2024). Segundo Silva (2024), estudos internacionais também mostram que a disseminação de informações errôneas sobre tratamentos não comprovados, como a hidroxiquina, foi promovida em grande escala e gerou riscos para a saúde pública global. Além disso, levantamento recente indica que o Brasil concentrou uma proporção significativa de conteúdos antivacina na América Latina, um fator que contribuiu para a hesitação vacinal e para a redução da confiança da população nas campanhas de imunização, noticiado pela Agência Brasil (2025).

No campo político, a disseminação de teorias conspiratórias sobre a confiabilidade do sistema eleitoral brasileiro gerou tensões institucionais e alimentou discursos antidemocráticos. Silva, Oliveira e Ortellado (2025), analisaram em seus estudos que o contexto informacional das eleições de 2022 no Brasil indicam que narrativas desinformativas sobre supostas fraudes nas urnas eletrônicas foram amplamente circuladas por meio das redes sociais e plataformas de mensagens, contribuindo para erosão da confiança no processo eleitoral e na legitimidade das instituições democráticas.

Além disso, casos como o da produtora Brasil Paralelo, que lança documentários e conteúdos midiáticos com forte viés ideológico, mostram como a desinformação pode assumir formas institucionalizadas e sofisticadas, apresentando-se em formatos que simulam rigor jornalístico ou científico, mas que têm como objetivo reforçar narrativas políticas específicas.

Dessa forma, a desinformação pode ser analisada em três dimensões principais:

- (i) processo: um conjunto dinâmico de práticas de produção, circulação e recepção de conteúdos enganosos, que operam em rede e exploram as características das plataformas digitais, conforme discutido por Wardle e Derakhshan (2017) ao caracterizarem a desordem informacional como um ecossistema comunicacional complexo;
- (ii) estratégia política e econômica: uma prática deliberada de moldar percepções sociais, sustentar posições ideológicas e influenciar comportamentos coletivos,

frequentemente associada a interesses de poder, como apontado por Araújo (2024) ao enfatizar a intencionalidade estratégica na produção de narrativas enganosas; (iii) desafio informacional: um fenômeno que compromete a confiabilidade, a mediação e o acesso qualificado à informação, afetando a capacidade da sociedade de deliberar de forma crítica e democrática, conforme ressaltado por Unesco (2019) ao situar a desinformação como ameaça à saúde democrática e à circulação de conhecimento confiável.

As três dimensões acima apresentadas são sistematizadas no Quadro 2, que sintetiza alguns dos principais eixos teóricos mobilizados nesta pesquisa para a análise da desinformação.

Quadro 2 – Dimensões analíticas da desinformação

Dimensão	Definição sintética	Base teórica
Processo	Conjunto dinâmico de práticas de produção, circulação e recepção de conteúdos enganosos que operam em rede e exploram as características das plataformas digitais.	Wardle e Derakshan (2017)
Estratégia político-econômica	Prática deliberada de moldar percepções sociais, sustentar posições ideológicas e influenciar comportamentos coletivos, associada a interesses de poder.	Araújo (2024)
Desafio informacional	Fenômeno que compromete a confiabilidade, a mediação e o acesso qualificado à informação, afetando a deliberação democrática.	Unesco (2019)

Fonte: Elaboração própria a partir de Wardle e Derakshan (2017), Araújo (2024) e Unesco (2019).

A organização proposta não implica separação rígida entre as dimensões, mas evidencia sua interdependência no funcionamento dos ecossistemas comunicacionais contemporâneos.

Autores brasileiros como Araújo (2024), Reis e Serra (2021) ressaltam que enfrentar a desinformação exige mais do que soluções tecnológicas ou regulamentares. É preciso fortalecer políticas de educação crítica em informação e mídia, alinhadas à perspectiva da Ciência da Informação, que capacitem os indivíduos a avaliar contextos, identificar intenções e compreender a lógica de funcionamento dos ecossistemas digitais. O papel da CI, nesse sentido, é central: ao estudar os fluxos, usos e mediações da informação, contribui para revelar as engrenagens da desinformação e propor estratégias de resistência que fortaleçam a democracia e a cidadania.

Assim, compreende-se que a desinformação é um fenômeno multidimensional, que ultrapassa a falsidade pontual de conteúdos e se manifesta como processo estruturado e sistemático de distorção informacional, cuja intencionalidade política e social desafia tanto a prática científica quanto a esfera pública.

2.2 Fake News

O termo *fake news* deriva do inglês, em que *fake* significa “falso” e *news* quer dizer “notícias”. Assim, o conceito refere-se a conteúdos fabricados ou manipulados que simulam notícias autênticas, com o propósito deliberado de enganar, desinformar ou influenciar opiniões.

A primeira aparição do termo *false news* na imprensa americana foi em 1852, no jornal *The New York Herald*, isso foi constatado em um levantamento feito por Teixeira (2018) no site da *Library of Congress*, que mantém o acervo de todos os jornais americanos digitalizados desde o século XVIII. Posteriormente, nos anos de 1980 o termo foi substituído por *fake news*, principalmente como forma de crítica aos jornais *The New York World* e *The New York Journal* que produziam notícias falsas sistematicamente numa troca de farpas. Nesta época, a imprensa era vista como o veículo de disseminação da verdade.

A intenção de se substituir o termo *false* por *fake*, se deve ao fato de que as *fake news* não são apenas falsas (*false*), mas sim informações fabricadas com o intuito de esconder que são falsas. No Collins Dictionary, *fake news* é definida como:

“informação falsa, geralmente sensacionalista, que se espalha disfarçada de notícia jornalística” (COLLINS DICTIONARY, 2024).

Ainda em sua pesquisa Teixeira (2018) relata que a produção e propagação de notícias falsas também eram utilizadas para alavancar as vendas dos jornais, como no caso do jornal *The New York* que lançou uma série de descobertas fraudulentas como a existência de diversas formas de vida na lua no ano de 1835.

O fenômeno das *fake news* tem ganhado notoriedade no debate acadêmico e social contemporâneo, especialmente pelo seu impacto nas esferas política, sanitária e cultural. A partir dos estudos de Araújo (2021) pode-se dizer, que as *fake news*, ou notícias falsas, podem ser compreendidas como conteúdos produzidos deliberadamente para enganar, manipular ou confundir, geralmente apresentando-se como se fossem informações legítimas oriundas de fontes confiáveis. Trata-se, portanto, de uma forma intencional de distorção informacional, que busca afetar crenças, atitudes ou comportamentos individuais e coletivos por meio da aparência de veracidade.

No Brasil, durante o período de redemocratização pós-ditadura militar e nas eleições presidenciais de 1989, a Rede Globo realizou edições propositais no debate entre Lula e Collor, alterando trechos para prejudicar o primeiro e beneficiar Fernando Collor de Mello, o que influenciou a percepção pública e o resultado eleitoral, como aponta Auler (2019). Essa manipulação jornalística, embora anterior ao termo "*fake news*", exemplifica táticas de desinformação estratégica que distorcem o debate democrático. Através de Pini (2024), percebe-se que estratégias semelhantes foram alegadas nas eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016, quando Donald Trump denunciou manipulações midiáticas e campanhas de desinformação que favoreceram narrativas polarizadas, associadas à ascensão da extrema-direita via *fake news* disseminadas em redes sociais. Tais casos ilustram como a criação e disseminação intencional de informações falsas ou enviesadas exerce influência decisiva em disputas pelo poder, moldando opiniões populacionais e comprometendo a autonomia das escolhas democráticas.

Dessa maneira, a popularização das redes sociais na internet possibilitou que todo e qualquer cidadão exerça o papel de criador de informações. Segundo Teixeira (2018) o ambiente digital confere nova potência às *fake news*, pois amplifica a disseminação de informações sem fundamentos seguros em grande escala.

É importante mencionar a influência das notícias falsas no campo da saúde, visto que o tema tem ganhado cada vez mais relevância nos últimos anos, após a pandemia da Covid-19. Nesse sentido:

[...] Embora seja um país que, historicamente, consolidou seu Sistema Único de Saúde (SUS), se tornando exemplo para o mundo em políticas de saúde pública, e a cultura da vacinação seja presente no cotidiano dos brasileiros, o país ainda precisa resolver dificuldades que foram acentuadas com a pandemia de COVID-19 e que possibilitam a disseminação das práticas desinformacionais, tais como: pobreza, desigualdade social, criminalidade e corrupção. (MARQUES; ALVES; MEDEIROS, 2023, p. 331)

Segundo levantamento do Ministério da Saúde (2025), a imunização da população brasileira contra doenças alcançou níveis historicamente baixos, sendo um dos principais fatores para essa queda a disseminação de diversas fake news que influenciaram o movimento antivacina no país.

Antes mesmo da Covid-19, o Brasil vivenciou um episódio lamentável em 2017, quando diversos macacos foram mortos em decorrência da disseminação de uma fake news que os responsabilizava pelo contágio da febre amarela. Na ocasião, o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Bio-Manguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), fez um pedido em seu site oficial: “[...] Não matem os macacos! Eles são aliados da saúde no combate à febre amarela.” (CZEZACKI, 2017).

A quantidade de *fake news* disseminadas no campo da saúde se relaciona diretamente com o fortalecimento de movimentos antivacina e a hesitação vacinal, fenômenos que têm sido associados à redução das coberturas vacinais e ao ressurgimento de doenças previamente controladas no Brasil, como o sarampo. Conforme destacam Machado *et al.* (2020), a circulação de informações incorretas sobre vacinas e a influência de narrativas antivacina na internet e nas mídias sociais contribuem para a hesitação dos indivíduos em participar das campanhas de imunização, favorecendo a reintrodução de doenças que haviam sido erradicadas.

No contexto brasileiro, a cobertura vacinal da tríplice viral, responsável pela prevenção do sarampo, da caxumba e da rubéola, apresentou queda significativa: passou de 100% em 2004 para 85% em 2017, conforme informações do Ministério da Saúde (2017).

Segundo Brisola e Bezerra (2018) as *fake news* possuem duas intenções para a sua produção e disseminação, uma delas é a publicidade e acesso que o site ou rede social onde ela foi produzida e publicada receberá, a outra é o viés ideológico, segundo os autores: “a ideia de uma supremacia ideológica justifica o uso de fake news como meio aceitável para um fim legítimo” (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3326).

Percebe-se que uma das estratégias recorrentes daqueles que disseminam notícias falsas consiste em reutilizar conteúdos antigos para, de maneira estratégica, confundir a compreensão de fatos atuais, um aspecto que também se insere no fenômeno da desinformação, conceito que será abordado mais adiante.

Atualmente diversas mídias sociais dispõem de plataformas ou perfis dedicados à verificação de *fake news*. Nesses espaços, é possível chegar a veracidade de informações que circulam na internet. Essas iniciativas, conhecidas como *fact-checking*, desempenham um papel essencial na prevenção e no combate aos impactos provocados pela disseminação de notícias falsas. nelas existe a possibilidade de checar se determinada notícia é verdadeira ou não.

Um exemplo expressivo ocorreu durante a pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, período em que a população buscava compreender a nova realidade mundial e obter informações sobre o vírus, seus efeitos na saúde e possíveis formas de tratamento, muitas vezes sem verificar a origem ou a credibilidade das fontes. Esse contexto favoreceu a intensa circulação de conteúdos enganosos e negacionistas sobre a doença, configurando o que a literatura denomina desinfodemia — um cenário marcado pela articulação entre desinformação, negacionismo e ambiente digital, com impactos diretos na saúde pública e na capacidade de resposta social à crise sanitária, assim destacam Marques, Alves e Medeiros (2023).

No Brasil, durante a pandemia o número de notícias falsas sobre a Covid-19 cresceu de tal maneira que o Ministério da Saúde (MS) disponibilizou um número a ser atendido pelo aplicativo de mensagens *Whatsapp*, como espaço exclusivo e gratuito, para que a população enviasse mensagens com imagens ou textos e notícias que tivessem recebido sobre o novo coronavírus.

Esse contexto evidencia que o fenômeno ultrapassa a noção restrita de “notícia falsa”, inserindo-se em uma problemática mais ampla relacionada à desinformação. Antes de delimitar o conceito de *fake news*, é necessário

compreender a desinformação como um conjunto diversificado de práticas e manifestações comunicacionais que produzem engano. Nesse sentido:

[...] É válido também pontuar que “quando se fala em desinformação, é importante considerar todo e qualquer tipo de manifestação que venha a enganar, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou enviesado. (HELLER; JACOBI, 2020, p. 193)

A partir dessa compreensão mais abrangente, torna-se possível situar as *fake news* como uma das formas específicas de manifestação da desinformação, especialmente associada à simulação do formato jornalístico e à circulação estratégica de conteúdos enganosos no ambiente digital.

Allcott e Gentzkow (2017) acrescentam que o termo *fake news* ganhou centralidade no debate público contemporâneo, sobretudo após as eleições presidenciais nos Estados Unidos em 2016, quando conteúdos falsos disseminados pelas redes sociais demonstraram forte capacidade de interferir no processo democrático. Embora amplamente difundida naquele contexto, a prática de produzir e compartilhar informações falsas não é inédita; ao contrário, insere-se em um longo histórico de manipulação discursiva e propagandística. O que se observa, no entanto, é a intensificação desse fenômeno no ambiente digital, marcado pela rapidez de circulação, pela lógica algorítmica das plataformas e pela amplificação de conteúdos sensacionalistas.

A definição de *fake news*, ainda que alvo de disputas conceituais, converge em alguns pontos fundamentais. Allcott e Gentzkow (2017) compreendem o termo como artigos noticiosos deliberadamente falsos e verificáveis como enganosos, mas que se apresentam como jornalismo legítimo com o propósito de enganar, lucrar ou influenciar crenças políticas.

No campo da Ciência da Informação (CI), pesquisadores como Araújo (2021) interpretam as *fake news* como um dos elementos estruturantes do cenário da pós-verdade, em que crenças pessoais e narrativas emocionais passam a ter mais peso que evidências objetivas. O fenômeno das *fake news* não pode ser reduzido apenas à verificação de falsidade textual, mas deve ser compreendido no contexto das relações sociais e das estruturas de poder que organizam a produção e circulação da informação. Nesse sentido, a noção de regime de informação, proposta por González de Gómez (2002), é especialmente útil para apreender as

condições de possibilidade em que esses fenômenos se articulam. Para a autora, o regime de informação é:

[...] um modo de produção informacional dominante numa formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição” (GÓMEZ, 2002, p. 34).

Já Pascoal, Polonini e Oliveira (2021) caracterizam as *fake news* como imposturas informacionais, uma vez que assumem a forma de notícia legítima ao reproduzirem estruturas discursivas e visuais do jornalismo, explorando a confiança pública na forma-notícia para alcançar legitimidade.

Esse aspecto da simulação discursiva é central. As *fake news* não se apresentam como narrativas alternativas ou abertamente opinativas, mas como informações factuais, produzindo um efeito de verossimilhança que potencializa sua capacidade de enganar. Para Pascoal, Polonini e Oliveira (2021), essa característica é particularmente preocupante em ambientes de sobrecarga informacional, nos quais os indivíduos carecem de tempo, recursos ou competências críticas para verificar a veracidade das mensagens recebidas.

No Brasil, a literatura acadêmica sobre *fake news* tem crescido de forma significativa. Schlegel e Freitas (2020) mostram que as pesquisas concentram-se, em grande medida, em contextos políticos e de saúde, refletindo episódios concretos da realidade nacional. Um exemplo notório ocorreu nas eleições de 2018, quando circulou a falsa informação de que o então candidato Fernando Haddad teria elaborado um “kit gay” para distribuição em escolas. Essa narrativa foi explorada na campanha presidencial de Jair Bolsonaro, articulando temas moralizantes e ideológicos que fortaleceram sua estratégia discursiva no pleito. Conforme observado por Maranhão, Coelho e Dias (2018, p. 78):

[..] Jair Messias Bolsonaro obteve mais votos que Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores – PT) no 2º turno. Jair Bolsonaro obteve 55,13% dos votos válidos, o que representa mais de 57 milhões de votos. Como vimos nas seções anteriores, parte da campanha desse presidencial foi realizada tendo como base a luta contra o “kit gay”, a “ideologia de gênero” e a defesa da “família tradicional brasileira”, em uma construção discursiva que vem sendo produzida desde o ano de 2011.

Como apresentado por Dutra (2021), outro caso emblemático ocorreu durante a pandemia de COVID-19, quando medicamentos como a cloroquina foram amplamente divulgados como supostamente eficazes, mesmo sem respaldo científico. Esses episódios evidenciam como as *fake news* podem afetar decisões políticas, influenciar comportamentos individuais e comprometer políticas públicas.

No Brasil, observa-se ainda o papel de atores organizados na produção e circulação de *fake news*, evidenciando que não se trata apenas de práticas espontâneas de indivíduos isolados. A Brasil Paralelo é frequentemente citado como exemplo, ao consolidar-se na produção de documentários e vídeos com forte viés ideológico, muitas vezes acusado de divulgar informações distorcidas ou conspiratórias. Esse caso ilustra como a produção sistemática de conteúdos falsos ou enviesados se confunde com projetos políticos, contribuindo para o fortalecimento de câmaras de eco e a polarização da esfera pública.

À luz da Ciência da Informação, as *fake news* podem ser compreendidas como objeto híbrido. Conforme analisa Araújo (2021), tratam-se de “mentiras travestidas de jornalismo”, o que evidencia sua dupla natureza: enquanto produto informacional, configuram mensagens falsas produzidas intencionalmente; enquanto estratégia discursiva, mimetizam a forma noticiosa para mobilizar a autoridade simbólica da mídia; e, enquanto fenômeno social, inserem-se em regimes de informação, como observado por Gómez (2002), estruturam disputas de poder, produção de sentidos e efeitos concretos sobre a confiança pública e os processos democráticos.

A compreensão das *fake news*, portanto, exige um olhar interdisciplinar. Autores como Araújo (2021) e Reis e Serra (2021) destacam que, no Brasil, o combate a esse fenômeno não pode restringir-se a medidas tecnológicas ou regulatórias, mas precisa contemplar a educação crítica em informação, voltada ao fortalecimento da autonomia dos cidadãos na avaliação de fontes e narrativas. Nessa perspectiva, Santos (2023, p. 11) afirma que:

[...] a Competência em Informação (CoInfo) é um processo de ensino e aprendizagem que propõe desenvolver/aprimorar, integral e articuladamente, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores relacionados à busca, à recuperação, à avaliação, à produção, à comunicação e ao uso da informação de maneira crítica, ética e responsável para o exercício da cidadania, empoderamento, engajamento civil e tomada de decisão.

A autora ainda articula a Competência em Informação à Competência em Mídia, compreendendo-as como dimensões integradas voltadas ao desenvolvimento da avaliação crítica de conteúdos midiáticos e à participação democrática. Assim, o enfrentamento das *fake news* passa necessariamente pelo fortalecimento da Competência em Informação e Midiática, entendida como estratégia formativa capaz de promover autonomia crítica no interior do regime informacional contemporâneo.

Ao mesmo tempo, a pesquisa em Ciência da Informação tem papel essencial em mapear as dinâmicas de produção, circulação e apropriação desses conteúdos, contribuindo para estratégias de enfrentamento que respeitem a liberdade de expressão e fortaleçam a democracia.

Assim, uma definição concreta que emerge da literatura é a de que as *fake news* são conteúdos intencionalmente falsos, verificáveis como enganosos, produzidos sob a forma discursiva de notícia legítima, com o objetivo de enganar, lucrar ou manipular crenças políticas e sociais. Trata-se de um conceito que ultrapassa a falsidade em si e incorpora a dimensão da intencionalidade, da simulação jornalística e dos efeitos sociais e políticos produzidos por sua circulação.

Além disso, no campo da Ciência da Informação, pesquisadores como Araújo (2024) destacam que a desinformação representa um desafio contemporâneo para a mediação do conhecimento, uma vez que rompe com os princípios tradicionais de autoridade, autenticidade e confiabilidade da informação. Nesse sentido, o combate às *fake news* e à desinformação não se limita à checagem de fatos, mas envolve o fortalecimento da competência crítica informacional, da educação midiática e da construção de ambientes sociotécnicos mais transparentes e éticos.

As *fake news* inserem-se em um contexto maior de desordem informacional, no qual informações imprecisas, enganosas ou fabricadas são disseminadas com alta velocidade e amplo alcance, particularmente nas plataformas digitais.

Esses episódios evidenciam como a desinformação se manifesta em contextos de alta complexidade comunicacional e tecnológica, nos quais o avanço da automação e da inteligência artificial generativa ampliam ainda mais os desafios para o discernimento entre o real e o falso. O surgimento de conteúdos hiper-realistas — como vídeos *deepfake* ou textos automatizados — dificulta essa distinção, configurando o que Baudrillard (1991) denominou “hiper-realidade”. Dessa forma, fica claro que a desinformação ultrapassa a simples questão do conteúdo,

revelando-se como uma estrutura sociotécnica complexa, que envolve uma rede de práticas comunicacionais entrelaçadas.

Nesse cenário, o conceito de plataformização torna-se fundamental para compreender os mecanismos que sustentam a circulação dessa desinformação. As plataformas digitais como *YouTube*, *Twitter (X)* e *Facebook* operam sob uma lógica própria, na qual a circulação de informações, dados e interações sociais é organizada por critérios algorítmicos. Essas regras automáticas, pautadas por relevância, viralidade e engajamento, tendem a favorecer conteúdos sensacionalistas e polarizadores.

Portanto, ao analisar o fenômeno das *fake news*, torna-se imprescindível reconhecer o papel dos algoritmos e das plataformas digitais não como canais neutros de transmissão, mas como agentes ativos na constituição e amplificação de informações, muitas vezes reforçando bolhas cognitivas e polarizações. Essa perspectiva amplia a compreensão da desinformação, integrando aspectos técnicos, sociais e políticos que atuam conjuntamente nesse complexo ecossistema informacional.

Nesse sentido, as *fake news* se vinculam à lógica de funcionamento das plataformas digitais, uma vez que os algoritmos não apenas ordenam conteúdos, mas participam ativamente da definição do que ganha visibilidade pública. Como argumenta Gillespie (2018), os sistemas algorítmicos integram a arquitetura de mediação das plataformas e influenciam diretamente os fluxos informacionais, moldando a circulação de conteúdos a partir de critérios como engajamento e relevância calculada. Assim, tais mecanismos operam como mediadores sociotécnicos que podem reforçar padrões de consumo informacional e contribuir para a formação de bolhas de percepção.

Essa dinâmica algorítmica, ao estruturar a visibilidade e a circulação dos conteúdos, produz efeitos que ultrapassam a simples organização técnica da informação, impactando diretamente a esfera pública e a própria experiência democrática no ambiente digital. Nesse sentido, Silva e Américo (2025, p. 17) alertam:

[...] A liberdade de comunicação democrática, antes sonhada, agora é pesadelo, pois, na internet livre vemos o pior do ser humano, sem os filtros sociais. As redes estão saturadas de sexismo, racismo, xenofobia, homofobia, violência, toda ordem de destruição e

subversão. A manipulação das redes é feita por programas de desinformação utilizados por governos, tribunais e empresas, com um novo reforço vem da deep fake que utiliza IA para manipular vídeos e imagens, sites e programas financiados por bilionários conservadores, com a finalidade de promover oportunas crises nas democracias e nas consciências.

A reflexão dos autores reforça que os algoritmos não operam de maneira neutra, mas integram um ecossistema informacional marcado por disputas políticas, interesses econômicos e estratégias deliberadas de desinformação, ampliando os desafios contemporâneos para a mediação e a circulação qualificada da informação.

2.3 Pós-verdade

Ao trazer o conceito de pós-verdade nesta pesquisa, é importante esclarecer que ele é utilizado como carga de diferenciação, estando entre os conceitos de *fake news* e desinformação, sendo esses dois últimos os objetos desta dissertação.

A noção de pós-verdade não emerge de maneira abrupta no cenário contemporâneo, mas se insere em um processo histórico ligado às transformações culturais associadas ao pós-modernismo, às críticas ao sujeito moderno e às disputas em torno dos regimes de verdade nas últimas décadas do século XX. Para Dunker (2017), a pós-verdade deve ser compreendida não como simples aprofundamento do relativismo pós-moderno, mas como um movimento de inflexão que recoloca em cena a questão da autoridade da verdade e das formas de subjetivação na contemporaneidade. Ao analisar esse fenômeno, o autor afirma:

[...] A pós-verdade seria então uma espécie de segunda onda do pós-modernismo. Sua consequência é ao mesmo tempo lógica e reveladora da verdade brutal e esquecida na qual ambos se apoiam. Assim como a pós-modernidade trouxe o debate relevante sobre, afinal, como deveríamos entender a modernidade e principalmente o sujeito moderno, penso que a pós-verdade inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta. O traço maior da subjetividade em tempos de pós-verdade será exatamente esta aptidão para a inversão sem transformação. Inversão que vai da posição “pós-moderna” para a posição “pós-verdadeira”, sem que ambas entrem propriamente em conflito. Este ponto de torção do sujeito define as diferentes modalidades de subjetivação e de subjetividade,

que são o efeito e o produto desse trabalho de oposição sem contradição. (DUNKER, 2017, p. 9).

O conceito de pós-verdade ganhou projeção internacional em 2016, quando foi eleito pelo *Oxford Dictionaries* como a palavra do ano, em razão do seu impacto na política e na vida pública. A escolha refletia o reconhecimento de que, cada vez mais, narrativas baseadas em emoções e crenças pessoais passaram a exercer maior influência na opinião pública do que os fatos objetivos ou as evidências científicas. Para Jungherr e Schroeder (2021), esse fenômeno não surge de maneira abrupta, mas se intensifica com a aceleração da circulação da informação em ambientes digitais, onde os mecanismos algorítmicos privilegiam conteúdos de maior engajamento, independentemente de sua veracidade.

No campo da Ciência da Informação, a pós-verdade é compreendida como um fenômeno que ameaça os processos de mediação e validação da informação. Ao deslocar o valor da verdade para a ressonância emocional e para a identificação ideológica, esse cenário compromete a confiabilidade dos sistemas de informação, a credibilidade da ciência e a função social do jornalismo. Neste sentido, a pós-verdade pode ser definida a partir de três condições:

[...] A primeira delas é a ampla disseminação de informações falsas (completamente falsas, e não apenas distorções como na era dos meios de comunicação de massa) com suporte tecnológico que permite alcances inimagináveis na era da fofoca e dos rumores. A segunda é a possibilidade de checagem nos dias atuais, em que muitas pessoas podem, em poucos segundos e com aparelhos de uso cotidiano como o smartphone ou o notebook, checar a veracidade das informações recebidas por elas em qualquer meio. A terceira é o fato de as pessoas não fazerem isso, isto é, não checarem, não verificarem se uma informação é verdadeira ou falsa, antes de a repassarem e dela se apropriarem. (ARAÚJO, 2021, p. 7).

Já na avaliação de Santaella (2019), pode-se estruturar a pós-verdade em dois processos. O primeiro é a formação das “bolhas” ou “câmaras de eco”, nas quais os usuários ficam isolados, fechados a novas ideias, assuntos e informações importantes, sobretudo na política, e acabam se expondo, segundo o autor: “quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo” (SANTAELLA, 2019, p. 15).

O segundo processo refere-se à disseminação de notícias falsas. Embora a circulação de conteúdos inverídicos não seja um fenômeno novo na história,

Santaella (2019) ressalta que o diferencial contemporâneo está na ausência de mecanismos regulatórios semelhantes aos que incidem sobre o jornalismo profissional, o que faz com que informações de diferentes naturezas circulem nas redes em condições de aparente equivalência, independentemente de critérios como qualidade, verificação ou compromisso institucional.

No Brasil, a dinâmica da pós-verdade manifesta-se de forma clara em episódios de negacionismo científico. Durante a pandemia de COVID-19, verificou-se a difusão de discursos contrários à vacinação, frequentemente ancorados em crenças pessoais, convicções religiosas ou posicionamentos ideológicos que se sobrepunham às evidências científicas divulgadas por autoridades de saúde nacionais e internacionais. Neste contexto, autores destacam o papel do discurso político na difusão da retórica antivacina:

[...] Dentro desse panorama, a retórica antivacina é até mesmo propagada por Chefes de Estado, como ocorre no Brasil com o presidente da República Jair Bolsonaro. Conhecido por suas posições negacionistas frente à pandemia, Jair Bolsonaro é também um público aliado dos grupos religiosos de cunho evangélico no Brasil, corroborando o discurso conservador em distintas áreas. O presidente emitiu em diferentes momentos críticas e falsas suposições sobre as vacinas contra a COVID-19, contribuindo para a propagação de informações equivocadas e para o crescimento da desconfiança em torno das vacinas e da ciência. (ROTONDANO; MARTINI, 2021, p. 102).

Essa situação ilustra como a pós-verdade não é apenas um conceito abstrato, mas uma realidade que produz efeitos concretos na esfera pública, comprometendo políticas de saúde e colocando vidas em risco.

Ademais, a pós-verdade também se insere no campo ambiental e econômico. Um exemplo emblemático é a prática de *greenwashing*, que consiste na divulgação de mensagens e campanhas que simulam compromisso com a sustentabilidade, sem que haja respaldo em práticas reais. Essa estratégia, frequentemente utilizada por empresas e grupos políticos, busca legitimação simbólica e reputacional, mobilizando a opinião pública por meio de uma retórica ambientalmente responsável, mas desprovida de fundamentação factual. Araújo (2020) ainda acrescenta que ao deslocar o debate dos critérios factuais para a esfera simbólica e persuasiva, a pós-verdade favorece a circulação de discursos que aparentam responsabilidade socioambiental, mas que podem ocultar práticas de exploração

econômica e degradação ambiental, tensionando os próprios regimes de validação da informação.

Do ponto de vista epistemológico, a pós-verdade representa uma ameaça significativa. A ciência, o jornalismo e a própria política democrática baseiam-se, em maior ou menor medida, em processos de verificação, validação e organização da informação. Quando esses processos são enfraquecidos por narrativas que priorizam a adesão emocional em detrimento das evidências, compromete-se a função crítica da informação como mediadora do conhecimento. Como ressalta Floridi (2010), a sociedade contemporânea vive em uma “infosfera” marcada por sobrecarga informacional, na qual a abundância de dados não se traduz automaticamente em mais conhecimento, mas, muitas vezes, em mais vulnerabilidade às manipulações discursivas.

É fundamental destacar que a pós-verdade não implica a morte da verdade, mas sua reconfiguração no interior das disputas simbólicas contemporâneas. A verdade continua existindo, mas perde centralidade como critério de legitimação, sendo substituída por narrativas que se apoiam na lógica da identificação e do pertencimento. Para Jungherr e Schroeder (2021), essa dinâmica é potencializada pelas plataformas digitais, cuja arquitetura privilegia conteúdos de alto alcance emocional, reforçando bolhas informacionais e câmaras de eco que dificultam o diálogo crítico e a circulação de informações verificadas.

Nesse cenário, a Ciência da Informação tem papel essencial. Ao se dedicar à análise dos fluxos informacionais, dos sistemas de organização do conhecimento e da mediação entre sujeitos e informação, a área oferece ferramentas teóricas e metodológicas para compreender e enfrentar os desafios da pós-verdade. Isso envolve desde estudos sobre comportamento informacional, até reflexões críticas sobre o papel das instituições na manutenção da confiabilidade da informação. Mais do que nunca, torna-se urgente reafirmar o compromisso com práticas de alfabetização midiática e informacional, capazes de preparar os cidadãos para avaliar criticamente as narrativas que circulam na esfera pública.

Portanto, a pós-verdade deve ser entendida como um ambiente cultural e político no qual a verdade objetiva perde espaço para narrativas moldadas por emoções, crenças e interesses. Ela não apenas distorce os processos informacionais, mas fragiliza a própria confiança nas instituições que historicamente garantem a mediação do conhecimento. Ao se manifestar em contextos de saúde,

política, meio ambiente e economia, a pós-verdade coloca em risco não apenas a qualidade do debate público, mas também a própria sustentabilidade da vida democrática e da produção científica. Nesse sentido, Araújo (2020, p. 46) destaca que:

[...] dos diferentes autores que têm estudado a pós-verdade, um ponto há em comum: a defesa de valores como a democracia, a inclusão, a diversidade, a sustentabilidade, a razão e a promoção de uma cultura da paz, valores estes que vêm sendo cada vez mais ameaçados pela proliferação da pós-verdade.

Diante disso, percebe-se que a pós-verdade ultrapassa o campo da desinformação pontual, configurando-se como um fenômeno que afeta diretamente as formas de produção, circulação e legitimação do conhecimento na sociedade contemporânea. Ao deslocar o peso da evidência factual para narrativas ancoradas em crenças e emoções, ela tensiona os fundamentos do debate público e desafia os mecanismos tradicionais de mediação da informação. Compreender esse cenário torna-se, portanto, fundamental para analisar como determinadas narrativas são construídas e disseminadas no ambiente digital, aspecto que será aprofundado nas seções seguintes.

2.4 Articulação conceitual entre desinformação, fake news e pós-verdade

A compreensão integrada dos fenômenos de desinformação, *fake news* e pós-verdade é essencial para a análise da dinâmica informacional contemporânea, especialmente no contexto brasileiro marcado por polarizações políticas, crises sanitárias e disputas pelo espaço público digital. Essa inter-relação confirma o entendimento de que a desinformação constitui uma dinâmica estruturante do ecossistema informacional, enquanto a pós-verdade, para Araújo (2021), consolida um ambiente cultural que fragiliza critérios epistêmicos e amplia processos de polarização.

Esses conceitos, possuem distinções analíticas precisas: a desinformação opera como categoria guarda-chuva de "desordem informacional"; as *fake news* configuram-se como sua manifestação intencional e simulada de jornalismo; e a

pós-verdade emerge como regime cultural que prioriza ressonâncias afetivas sobre evidências factuais. Essa tríade conceitual revela não apenas distorções pontuais de conteúdo, mas ecossistemas sociotécnicos que desafiam os processos de mediação, validação e apropriação crítica da informação, conforme defendido por autores como Wardle e Derakhshan (2017), Araújo (2021) e Santaella (2019).

A desinformação transcende a noção restrita de erro ou falsidade isolada, abrangendo um conjunto dinâmico de práticas de produção, circulação e recepção de conteúdos enganosos em escala digital. Conforme afirmam Silva e Prado (2024, p. 7):

[...] Ela também pode envolver informações verdadeiras que foram tiradas de contexto ou apresentadas de maneira intencional em determinadas circunstâncias. Ela não se resume a meras mentiras. É um jogo de espelhos quebrado, onde a verdade se distorce, se fragmenta e perde sua forma original. Essa distorção da realidade pode assumir diversas faces, nem sempre óbvias aos olhos desatentos.

Wardle e Derakhshan (2017), em estudo elaborado para o Conselho da Europa, propõem uma das tipologias mais influentes para a compreensão contemporânea da desordem informacional. Os autores distinguem três subcategorias que, embora relacionadas, apresentam diferenças fundamentais quanto à intencionalidade e aos efeitos sociais produzidos. A *misinformation* corresponde à disseminação de informação falsa sem a intenção deliberada de causar dano, geralmente impulsionada por desconhecimento, erro ou compartilhamento irrefletido. Já a *disinformation* refere-se à produção e circulação intencional de conteúdos falsos com objetivo explícito de manipular, enganar ou prejudicar indivíduos, grupos ou instituições. Por fim, a *malinformation* diz respeito à utilização estratégica de informações verdadeiras que são retiradas de contexto, distorcidas ou divulgadas de maneira calculada para causar dano ou constrangimento.

Essa classificação desloca o debate da simples oposição entre verdade e falsidade, enfatizando o caráter processual, estratégico e contextual da desinformação. O foco deixa de estar apenas no conteúdo e passa a abranger as dinâmicas de produção, circulação e recepção que moldam o ecossistema informacional. Nesse cenário, a lógica comunicacional é profundamente influenciada pela chamada economia da atenção, conceito desenvolvido por Davenport e Beck

(2001), segundo o qual a atenção humana torna-se recurso escasso e disputado em ambientes saturados de informação. Plataformas digitais estruturam seus modelos de negócio com base na maximização do engajamento, favorecendo conteúdos que geram reação emocional intensa, indignação, medo ou entusiasmo, em detrimento da verificação factual.

Nesse contexto, os algoritmos operam como mediadores invisíveis que privilegiam viralidade e interação, reforçando narrativas polarizadoras e simplificações discursivas. Ventura (2020) descreve tal dinâmica como um “infoespetáculo”, no qual a informação assume contornos dramatizados e performáticos, voltados mais para a captura da audiência do que para a qualificação do debate público. Essa lógica remete à análise clássica de Debord (1997) sobre a sociedade do espetáculo, agora reconfigurada no ambiente digital, marcado por hiperconectividade, circulação acelerada e consumo contínuo de conteúdos fragmentados.

Assim, a tipologia proposta por Wardle e Derakhshan (2017) não apenas categoriza formas distintas de desinformação, mas contribui para compreender como esses fenômenos se inserem em uma estrutura sociotécnica orientada pela disputa por visibilidade e atenção, potencializando seus efeitos sobre a esfera pública contemporânea.

Na perspectiva da Ciência da Informação, a desinformação não é compreendida apenas como um problema comunicacional isolado, mas como um fenômeno que incide diretamente sobre os próprios regimes de informação, conceito trabalhado por González de Gómez (2002). Esses regimes dizem respeito ao conjunto de normas, práticas, instituições e dispositivos que organizam a produção, a circulação e a validação do conhecimento em uma sociedade. Quando práticas desinformativas se tornam recorrentes e estruturadas, elas tensionam esses regimes, fragilizando os mecanismos de mediação ética, desestabilizando critérios de autoridade e comprometendo o acesso equitativo à informação qualificada.

Nessa mesma direção, Araújo (2024) propõe compreender a desinformação a partir de uma abordagem tridimensional, enfatizando seu caráter estruturante e não meramente episódico. Para o autor, o fenômeno pode ser analisado como disfunção social, na medida em que compromete a circulação confiável de informações; como estratégia deliberada, quando articulado a interesses políticos ou econômicos específicos; e como forma de alienação coletiva, ao produzir ambientes de distorção

sistemática da realidade que enfraquecem a capacidade crítica dos sujeitos. Essas três dimensões — processual, estratégica e desafiadora — operam de maneira interdependente. A dimensão processual manifesta-se nas redes digitais de produção e circulação de conteúdos, frequentemente potencializadas por plataformas que favorecem a viralização. A dimensão estratégica evidencia a atuação de atores organizados que instrumentalizam a desinformação para obtenção de ganhos simbólicos, eleitorais ou econômicos. Já a dimensão desafiadora refere-se aos efeitos mais amplos sobre a deliberação democrática, a confiança institucional e a coesão social.

No contexto brasileiro, tais dinâmicas assumem contornos particularmente visíveis. Ecossistemas organizados de desinformação, como redes alinhadas ao bolsonarismo e iniciativas midiáticas como a produtora Brasil Paralelo, demonstram que o fenômeno pode adquirir níveis elevados de institucionalização e profissionalização. Seus impactos tornam-se evidentes em áreas sensíveis, como a saúde pública.

Segundo Allcott e Gentzkow (2017), pode-se dizer que as *fake news* representam uma vertente específica e problemática da desinformação: conteúdos fabricados para mimetizar o formato jornalístico legítimo, com intuito explícito de enganar, monetizar ou manipular. Diferem-se de meras falsidades por sua verossimilhança estrutural – títulos sensacionalistas, *layout* noticioso e aparente autoridade factual –, explorando a confiança simbólica na *forma-news*. Historicamente, precedentes remontam à "*yellow journalism*" americana do século XIX, como acrescenta Teixeira (2018), mas a digitalização amplifica sua potência via compartilhamento ubíquo e ausência de filtros editoriais.

As *fake news* representam uma vertente específica e particularmente problemática da desinformação. Diferentemente de conteúdos meramente incorretos ou imprecisos, tratam-se de narrativas deliberadamente fabricadas que mimetizam o formato jornalístico com a finalidade de conferir legitimidade aparente ao conteúdo falso. Conforme discutem Allcott e Gentzkow (2017), o traço distintivo das *fake news* não é apenas a falsidade em si, mas sua estrutura discursiva: títulos sensacionalistas, organização textual semelhante à reportagem tradicional, uso estratégico de imagens e dados supostamente verificáveis e linguagem que evoca objetividade.

Esse processo de simulação discursiva opera por meio da apropriação da autoridade simbólica historicamente associada ao jornalismo. Ao reproduzir a forma-notícia, as *fake news* exploram repertórios de credibilidade já consolidados socialmente, deslocando-os para fins de manipulação política, econômica ou ideológica. A verossimilhança estrutural torna-se, assim, elemento central de sua eficácia, pois cria a aparência de autenticidade necessária para engajar públicos em ambientes digitais altamente competitivos.

Para Teixeira (2018), embora práticas semelhantes possam ser identificadas em momentos anteriores da história da imprensa, como o chamado “*yellow journalism*” do século XIX, caracterizado por sensacionalismo e distorções narrativas, o ambiente digital altera significativamente a escala, a velocidade e a profundidade de disseminação desses conteúdos. A digitalização dos fluxos informacionais elimina barreiras editoriais tradicionais, reduz custos de publicação e amplia a circulação por meio do compartilhamento automatizado e algorítmico. Nesse contexto, a lógica de engajamento prevalece sobre a lógica de verificação, favorecendo conteúdos que provocam reação emocional intensa.

No cenário brasileiro, esse fenômeno insere-se em regimes de informação marcados por forte polarização política e disputa narrativa. As pesquisas de Brisola e Bezerra (2018) apontam que tais conteúdos não apenas desinformam, mas estruturam identidades coletivas e reforçam alinhamentos ideológicos, consolidando ambientes comunicacionais fragmentados. Conforme argumentam Pascoal, Polonini e Oliveira (2021), as *fake news* devem ser compreendidas como estratégias de desinformação que operam dentro de sistemas organizados de circulação simbólica, articulando interesses e explorando vulnerabilidades cognitivas e afetivas.

As respostas institucionais, como iniciativas de *fact-checking* e fortalecimento de competências informacionais, constituem passos relevantes no enfrentamento do problema. Contudo, tais medidas mostram-se insuficientes se não forem acompanhadas de uma abordagem mais ampla de educação midiática e crítica discursiva. Desmontar a eficácia das *fake news* implica compreender seus mecanismos retóricos, suas formas de legitimação simbólica e sua inserção em ecossistemas informacionais orientados por disputas de poder e visibilidade. Assim, o enfrentamento do fenômeno ultrapassa a simples correção factual, exigindo intervenções estruturais nos modos de produção, circulação e reconhecimento da informação.

A pós-verdade, eleita palavra do ano pelo *Oxford Dictionaries* em 2016, descreve um paradigma onde apelos emocionais, crenças pessoais e narrativas identitárias eclipsam fatos objetivos na moldagem da opinião pública, como observado por Dunker (2017). Araújo (2021) a estrutura em três condições: disseminação massiva de falsidades tecnológicas; viabilidade de checagem instantânea; e recusa generalizada à verificação. Santaella (2019) complementa com bolhas algorítmicas ("câmaras de eco") e ausência de regulação digital, enquanto Jungherr e Schroeder (2021) ligam-na à performatividade platafórmica.

No Brasil, como apontado nos estudos de Rotondano, Martini (2021) e Santos *et al.* (2025), manifesta-se em negacionismo científico, discursos antivacina ancorados em convicções religiosas e legitimação discursiva, como o *greenwashing* que apropriou vocabulário sustentável para mascarar explorações ambientais/econômicas. Dunker (2017) a vê como "segunda onda pós-moderna", uma inversão subjetiva que recoloca a autoridade da verdade em xeque, fragilizando a esfera pública democrática.

A partir da discussão teórica desenvolvida nas seções anteriores, torna-se necessário sistematizar os conceitos mobilizados nesta pesquisa, evidenciando suas distinções e articulações. Embora frequentemente empregados de forma indistinta no debate público, desinformação, fake news e pós-verdade correspondem a níveis analíticos distintos do fenômeno informacional contemporâneo. O Quadro 3 apresenta essa delimitação conceitual de forma sintética.

Quadro 3 – Síntese conceitual dos fenômenos investigados

Categoria	Síntese conceitual	Referenciais centrais
Desinformação	Fenômeno estruturante da desordem informacional, envolvendo produção e circulação estratégica de conteúdos falsos, descontextualizados ou manipulados.	Wardle, Derakhshan (2017); Floridi (2018); Araújo (2024)
<i>Fake news</i>	Modalidade específica da desinformação caracterizada pela simulação da forma jornalística para gerar	González de Gómez (2002); Araújo (2024)

	legitimidade e engajamento.	
Pós-verdade	Regime cultural no qual crenças e afetos se sobrepõem a critérios objetivos de validação da verdade.	Dunker (2017)

Fonte: Elaboração própria, com base nos autores citados.

Não se trata, portanto, de conceitos equivalentes, mas de dimensões complementares de um mesmo ecossistema informacional, cuja compreensão integrada é fundamental para analisar os desafios contemporâneos à autoridade do conhecimento e à democracia.

A sistematização apresentada evidencia que desinformação, *fake news* e pós-verdade operam em planos distintos, ainda que interdependentes, da dinâmica informacional contemporânea. A desinformação pode ser compreendida como fenômeno estruturante da desordem informacional, envolvendo a produção e circulação estratégica de conteúdos falsos, manipulados ou descontextualizados, conforme argumentam Wardle e Derakhshan (2017), sendo posteriormente aprofundada no campo filosófico por Floridi (2010) e, no contexto brasileiro, por Araújo (2024). Trata-se de uma prática inserida em disputas políticas, econômicas e simbólicas que afetam regimes de informação e mecanismos de validação do conhecimento.

As *fake news*, por sua vez, configuram uma modalidade específica desse fenômeno, caracterizada pela simulação da forma jornalística como estratégia de legitimação e engajamento, explorando a autoridade historicamente associada ao discurso informativo, como discutido por González de Gómez (2002) e retomado por Araújo (2024). Não se trata apenas de conteúdos falsos, mas de dispositivos comunicacionais que instrumentalizam formatos reconhecidos socialmente para ampliar sua eficácia persuasiva.

Já a pós-verdade desloca o foco da análise para um nível cultural mais amplo, no qual crenças, afetos e identificações coletivas passam a se sobrepor a critérios objetivos de verificação, tensionando a centralidade da verdade factual no debate público, conforme analisa Dunker (2017). Nesse regime, a adesão subjetiva tende a prevalecer sobre a argumentação baseada em evidências, redefinindo as condições de produção e reconhecimento da autoridade informacional.

Compreendidos de modo articulado, esses conceitos revelam que o desafio contemporâneo ultrapassa a mera circulação de falsidades, envolvendo a reconfiguração dos próprios critérios de verdade, legitimidade e reconhecimento público do conhecimento. Assim, a delimitação conceitual aqui proposta permite analisar como diferentes camadas do fenômeno — estrutural, operacional e cultural — se entrelaçam na conformação do atual ecossistema informacional.

2.5 Ciência da Informação: a ambivalência da informação e os fluxos simbólicos

A Ciência da Informação contribui significativamente para compreender a complexidade do fenômeno. Segundo Demo (2000), a informação é uma construção ambivalente que transita entre o emissor e o receptor, atravessada pela subjetividade, contexto e intencionalidade. Floridi (2010) aprofunda essa visão ao propor a informação como realidade, indicando que aquilo que se compartilha e consome na rede não é mero dado, mas estrutura o modo como o real é percebido e vivido.

Nesse sentido, a desinformação precisa ser compreendida como um componente ativo da formação simbólica da realidade social, uma vez que incide diretamente sobre os processos de produção de sentidos que estruturam a experiência coletiva. Conforme assinala Araújo (2014, p. 70):

[...] sendo informação algo associado à interação entre dados (aquilo que existe materialmente) e conhecimento (aquilo que está na mente dos sujeitos), e seu estudo relacionado à identificação de significados, interpretações. Por fim, as tendências contemporâneas implicam um grau maior de complexidade e abstração, com a inserção da informação no escopo da ação humana e no âmbito de contextos socioculturais concretos.

À luz dessa concepção, a informação deixa de ser compreendida apenas como entidade técnica ou instrumental, passando a integrar os processos socioculturais que configuram a realidade compartilhada. Assim, quando conteúdos são manipulados ou distorcidos, não ocorre apenas um desvio factual, mas uma intervenção simbólica nas mediações que sustentam a construção social do real.

A dinâmica da desinformação revela tensões entre saber e poder, linguagem e ideologia, interesse e manipulação, exigindo uma abordagem crítica que reconheça a informação como elemento central na construção das subjetividades e da experiência social contemporânea, em consonância com a perspectiva dos regimes de informação proposta por González de Gómez (2002).

Além disso, compreender os fluxos informacionais no ecossistema digital implica reconhecer o lugar central do simbólico como mediador da construção da realidade. Neste contexto a informação pode aparecer como:

[...] Produto das relações humanas, no contexto de uma sociedade de classes e no qual interesses divergentes se encontram presentes na arena social. De forma objetiva a informação é o resultado de uma produção social na qual os diferentes atores, na arena política, comparecem com interesses divergentes, buscando implementar os resultados que concretizem seus objetivos. (REIS, 2007, p.26).

Na perspectiva da Psicologia Cultural desenvolvida por Bruner (1997), o sujeito não capta a realidade de maneira direta ou objetiva, mas a constrói por meio de sistemas simbólicos compartilhados socialmente, como narrativas, linguagens e interpretações culturais que mediam o entendimento do mundo. Para o autor, a informação ganha sentido não de forma isolada, mas dentro de quadros interpretativos que permitem avaliá-la como "certa" ou "errada" conforme o ponto de vista adotado:

A alegação básica do construtivismo é simplesmente que o conhecimento é "certo" ou "errado" à luz do ponto de vista que escolhermos assumir. Os certos e errados desse tipo, por melhor que os possamos testar, não resultam em verdades e falsidade absolutas. O melhor que podemos esperar é que estejamos cientes do nosso próprio ponto de vista, assim como do ponto de vista dos outros, quando fazemos nossas reivindicações de "correção" ou de "erro". Colocado dessa forma, o construtivismo dificilmente parece exótico. Ele é o que os estudiosos jurídicos se referem como sendo a "virada interpretativa" ou, como um deles coloca, um deliberado afastamento do "significado autoritário" (BRUNER, 1997, p. 31)

Assim, o simbólico atua como um aparato de organização da experiência, funcionando como matriz que seleciona, hierarquiza e legitima determinados sentidos em detrimento de outros.

Essa perspectiva se articula diretamente com o fenômeno da desinformação, uma vez que fake news não procuram apenas convencer pelo conteúdo factual, mas sobretudo ocupar e reorganizar espaços simbólicos já sedimentados no imaginário social. Ao inserir-se em narrativas coletivamente reconhecidas, políticas, morais, religiosas ou identitárias, a desinformação não atua apenas como conteúdo inverídico, mas como prática discursiva situada em regimes específicos de produção e validação do sentido. Na perspectiva da Ciência da Informação, a partir de Araújo (2014), pode-se entender que a informação não é concebida como entidade neutra ou meramente objetiva, mas como construção social atravessada por contextos históricos, culturais e institucionais. Assim, seu significado emerge de comunidades interpretativas que compartilham repertórios simbólicos e critérios próprios de legitimidade.

Nessa direção, a dimensão pragmática da informação, conforme discutida por Capurro (2003), evidencia que o sentido informacional depende do horizonte interpretativo do sujeito e das estruturas socioculturais que o configuram. A desinformação, portanto, opera explorando tais horizontes, reforçando enquadramentos prévios e ativando disposições afetivas e cognitivas já estabilizadas.

Desse modo, conteúdos desinformativos tendem a alcançar adesão mesmo na ausência de base empírica consistente, pois sua validação ocorre prioritariamente pelo alinhamento narrativo e identitário, e não pela verificação factual, uma vez que a autoridade informacional é produzida em redes sociais e discursivas que legitimam determinados enunciados.

Assim, o simbólico não constitui elemento acessório, mas o campo no qual se trava a disputa interpretativa da realidade, especialmente no ambiente digital. Como afirma Lévy (1998), vivemos em “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos”. Nessa perspectiva, compreender os fluxos informacionais exige considerar o modo como a informação se converte em significação socialmente compartilhada, em um espaço no qual os sentidos estão em constante reconfiguração e disputa.

3 PSICOLOGIA SOCIAL E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Se no capítulo anterior foram examinadas as dimensões epistemológicas e informacionais da desinformação, das *fake news* e da pós-verdade, torna-se agora necessário compreender como tais fenômenos são apropriados, internalizados e ressignificados pelos sujeitos. A circulação de conteúdos, por si só, não explica sua eficácia social, uma vez que é no plano das significações compartilhadas que essas mensagens adquirem força, orientam percepções e influenciam práticas. Souza (2005) observa que, na Psicologia Social as representações deixam de ser entendidas apenas como formas de apreensão ou conceituação da realidade e passam a ser concebidas como sistemas mentais criativos, autônomos e produtores do real, que não apenas resultam da atividade cognitiva, mas também a motivam, sendo eminentemente sociais em suas origens e funções.

É justamente no campo das representações sociais que se torna possível compreender como os sentidos são construídos, compartilhados e estabilizados coletivamente, articulando conteúdos informacionais e experiências simbólicas. Assim, o presente capítulo introduz a Psicologia Social, com ênfase na Teoria das Representações Sociais, como referencial analítico para examinar os processos simbólicos subjacentes às dinâmicas informacionais contemporâneas, iluminando a maneira como sujeitos, grupos e coletividades significam desinformação e *fake news* em seus contextos socioculturais.

3.1 Psicologia Social e construção do sentido

A compreensão dos fenômenos informacionais contemporâneos exige deslocar o olhar da circulação de conteúdos para os processos pelos quais esses conteúdos são apropriados, interpretados e incorporados pelos sujeitos. Nesse sentido, a Psicologia Social fornece um arcabouço teórico fundamental para analisar como crenças, valores e narrativas se consolidam como referências coletivas, orientando percepções, posicionamentos e comportamentos.

Desde suas origens, a área se constituiu a partir da tensão entre indivíduo e sociedade, buscando compreender de que modo as estruturas sociais influenciam o pensamento e, simultaneamente, como as interações entre sujeitos produzem e transformam a realidade social. Nesse sentido, Sandra Jovchelovitch afirma que a Psicologia Social é a ciência do entre: “[...] o lugar privilegiado do inquérito psicossocial não é nem o indivíduo nem a sociedade, mas precisamente aquela zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois” (JOVCHELOVITCH, 2004, p. 21).

Em diálogo com a sociologia durkheimiana - que será abordada na próxima subseção -, que reconhecia a existência de representações coletivas dotadas de força normativa, a Psicologia Social passou a enfatizar também o caráter interacional e processual da construção de significados. Como pontua Jovchelovitch (2004), o trabalho comunicativo da representação produz símbolos cuja força reside em sua capacidade de dar sentido e de significar. A representação trabalha colocando algo no lugar de algo, seu trabalho é um trabalho de deslocamento simbólico.

O sujeito não é concebido como entidade isolada, mas como resultado de processos simbólicos compartilhados, nos quais o sentido emerge da interação. Assim, linguagem e comunicação não apenas expressam a realidade, mas participam ativamente de sua construção. Como pontua Sigmund Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, “na vida psíquica do indivíduo, o outro aparece regularmente como modelo, objeto, auxiliar ou adversário e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (FREUD, 2011, p. 14).

Essa perspectiva dialoga com a abordagem sociológica de Peter L. Berger e Thomas Luckmann, segundo a qual a realidade social é constituída e compartilhada por meio de processos intersubjetivos que permitem a estabilização e circulação de significados no interior da vida social. Nesse sentido, os autores destacam:

[...] Se vários indivíduos participam da experiência, ela ficará sedimentada intersubjetivamente, podendo até talvez formar um profundo laço entre esses indivíduos. Sendo, porém, esta experiência designada e transmitida linguisticamente, torna-se mais acessível e talvez fortemente significativa para indivíduos que nunca passaram por ela. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 96).

Aquilo que se estabiliza como conhecimento cotidiano resulta de dinâmicas de objetivação, sedimentação e reconhecimento coletivo, como apontado por Berger e Luckmann (2004). Desse modo, a produção social da realidade depende de sistemas simbólicos que organizam e orientam a experiência.

3.2 Teoria das Representações Sociais: gênese e desenvolvimento

Sob o ponto de vista da Psicologia, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003), é fundamental para compreender como os indivíduos assimilam, ressignificam e compartilham conteúdos falsos ou distorcidos.

Ao discutir o conceito de representações sociais no campo da Ciência da Informação, Juliana Perdigão e Fabrício Silveira destacam que:

[...] De maneira geral, as representações sociais podem ser definidas como ideias, valores e práticas que circulam nas mais diversas formas de interação social. Elas são elaboradas no esforço de compreender e dar significado a diferentes aspectos das nossas experiências. Esse saber, que está diretamente vinculado ao senso comum, expressa visões de mundo que orientam o modo de agir de homens e mulheres no cotidiano, colaborando, assim, para a construção de suas realidades sociais. (PERDIGÃO; SILVEIRA, 2019, p. 187).

No contexto acadêmico, o interesse por esse tipo de conhecimento que orienta e organiza as representações sociais vem mobilizando pesquisadores de diferentes áreas há várias décadas. Entretanto, foi no campo da Psicologia Social que os estudos sobre representações ganharam maior densidade teórica e visibilidade científica, especialmente a partir das contribuições de Serge Moscovici. O autor, psicólogo social de origem romena radicado na França, dedicou-se a compreender de que modo os indivíduos tornam familiar aquilo que inicialmente lhes parece estranho ou novo, incorporando essas novidades ao cotidiano e transformando-as em referenciais simbólicos que orientam a interpretação da realidade e as práticas sociais.

A noção de representações sociais possui raízes na tradição sociológica inaugurada por Émile Durkheim, especialmente na formulação do conceito de

representações coletivas. Para Durkheim (1995), tais representações expressam as formas pelas quais a sociedade elabora e compartilha modos de compreender a realidade, constituindo esquemas simbólicos produzidos coletivamente e que orientam a interpretação do mundo social.

Nesse sentido, Durkheim (1995) compreendia as representações coletivas como elementos estruturantes da vida social, responsáveis por fornecer esquemas simbólicos que permitissem aos indivíduos interpretar a realidade.

A partir dessa perspectiva, o pensamento social passa a ser entendido como resultado de processos históricos e culturais compartilhados, nos quais categorias, símbolos e significados são construídos socialmente. Entretanto, embora Durkheim (1995) tenha enfatizado o caráter coletivo dessas representações, sua abordagem privilegiava sobretudo sua dimensão estrutural e institucional, concebendo-as como relativamente estáveis e exteriores aos indivíduos. Nesse sentido:

[...] O nascimento da teoria das representações sociais ocorreu em um período histórico marcado por mudanças provocadas pela insatisfação e pela tentativa de superação do modelo científico que valorizava de forma excessiva os saberes científicos em detrimento da cultura do senso comum, menosprezando e desprestigiando o valor das crenças e dos conceitos culturalmente construídos no intercâmbio comunicacional cotidiano que constitui e é constituído na cultura. (ROCHA, 2014).

Émile Durkheim foi um dos primeiros autores a investigar aquilo que posteriormente seria relacionado ao campo das representações sociais, ao analisar as formas de pensamento produzidas coletivamente no interior da sociedade. Em seus estudos sobre as representações coletivas, Durkheim (1995) compreendia essas construções como produtos da vida social, derivados de processos de ideação compartilhada entre os membros de um grupo. No entanto, a abordagem durkheimiana se caracteriza por afastar explicações de natureza psicológica, privilegiando a compreensão dos fatos sociais como fenômenos essencialmente coletivos e exteriores ao indivíduo.

É nesse contexto que o psicólogo social Serge Moscovici propõe, na década de 1960, uma reformulação desse conceito ao introduzir a Teoria das Representações Sociais no campo da Psicologia Social. Moscovici (1978) investiga como a psicanálise foi apropriada, reinterpretada e difundida no senso comum francês, demonstrando que o conhecimento científico, ao circular na sociedade,

sofre processos de transformação simbólica que o tornam compreensível e socialmente compartilhável.

Em seus primeiros estudos sobre o tema, Moscovici retomou historicamente a noção de representações com o objetivo de reafirmar e renovar o campo da Psicologia Social. Seu interesse estava em compreender de que maneira se estabelece a relação entre as dimensões individual e social na produção do conhecimento cotidiano. Nessa perspectiva, o autor se afasta de interpretações que privilegiam exclusivamente o determinismo social, como na tradição durkheimiana, ou aquelas centradas apenas nos processos cognitivos individuais, presentes em abordagens como a de Piaget. Em vez disso, Moscovici (1978) propõe uma compreensão que considere a interação dinâmica entre sujeito e sociedade na formação das representações sociais.

Assim, ao estabelecer os fundamentos conceituais da Teoria das Representações Sociais (TRS), Serge Moscovici explicita que seu interesse não está voltado para a análise das representações produzidas por sociedades consideradas primitivas ou para os fatos sociais que estruturam sistemas culturais de períodos históricos distantes. Sua preocupação dirige-se, sobretudo, às representações que se manifestam na sociedade contemporânea.

[...] do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornasse tradições imitáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta à heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – ciências oficiais, religiões, ideologias – e às mudanças pelas quais eles devem passar a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum. (MOSCOVICI, 1978).

No campo da Psicologia Social, Serge Moscovici propõe uma inflexão teórica em relação à tradição durkheimiana. Enquanto Durkheim compreendia as representações coletivas sobretudo como formas relativamente estáveis de pensamento social, sustentadas pela força normativa da vida coletiva, Moscovici (1978) passa a enfatizar seu caráter dinâmico e processual. Sob essa perspectiva, as representações sociais não são entendidas como estruturas rígidas legitimadas apenas pela coerção social, mas como produções simbólicas que se formam e se transformam nas interações cotidianas. Elas emergem particularmente em contextos de circulação cultural, debate público e negociação de sentidos, nos quais indivíduos e grupos interpretam o mundo social e atribuem significados às suas experiências.

Dessa forma, diferentemente da concepção durkheimiana, as representações sociais não se restringem à função de organizar cognitivamente os objetos sociais, mas também participam ativamente da construção de sentidos compartilhados e da atribuição de valor simbólico à realidade vivida.

Nesse sentido, as representações sociais resultam de processos contínuos de interação e comunicação, que: “[...] tomam sua forma e configurações específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social.” (DUVEEN, 2003, p.21).

Esse conjunto de reflexões permitiu a seguinte definição das representações sociais:

[...] Um sistema de valores, ideias e práticas com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às sociedades orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2003, p.21).

Assim, mais do que simples opiniões ou crenças isoladas, as representações sociais constituem estruturas simbólicas que organizam o pensamento social e orientam a maneira como grupos interpretam acontecimentos, objetos e práticas sociais.

No desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais, diversos autores buscaram aprofundar a compreensão dos processos por meio dos quais os sujeitos constroem e compartilham sentidos acerca da realidade social. Nesse contexto, Jodelet (2009) destaca que as formas pelas quais os indivíduos percebem, interpretam e conhecem o mundo influenciam diretamente suas práticas sociais e modos de ação. Para a autora, torna-se importante distinguir entre as representações que os sujeitos elaboram ativamente em suas experiências cotidianas e aquelas que são incorporadas de forma mais passiva no interior das dinâmicas sociais.

Tal distinção evidencia que a formação das representações envolve não apenas dimensões cognitivas, mas também elementos afetivos, identitários e posicionamentos vinculados aos lugares ocupados pelos indivíduos na estrutura social. Nesse sentido, torna-se necessário “[...] integrar na análise das

representações os fatores emocionais e identitários, ao lado das tomadas de posição ligadas ao lugar social e das conotações que vão caracterizar, em função da pertença social, a estrutura das representações.” (JODELET, 2009, p. 697).

O trabalho desenvolvido por Moscovici (1978) destaca-se por introduzir uma concepção teórica que, conforme apontam Doise e Pamonari (1986), pode ser entendida como uma noção *carrefour*, isto é, um ponto de encontro entre diferentes campos do conhecimento. Nessa perspectiva, o sujeito deixa de ser interpretado apenas como uma instância intrapsíquica isolada e passa a ser compreendido simultaneamente como agente produtor e resultado das dinâmicas sociais nas quais está inserido. Tal deslocamento teórico possibilitou aproximar contribuições da Sociologia e da Psicologia, reconhecendo que os processos de construção da realidade social envolvem múltiplas dimensões de interação e significação. Essa compreensão dialoga com a formulação clássica sintetizada na afirmação de que: “A sociedade é um produto social” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 87). Nessa perspectiva, aquilo que se entende por realidade social corresponde a um processo permanente de elaboração e reconstrução simbólica produzido pelos próprios sujeitos em suas práticas e interações cotidianas.

Sob esse enfoque, a representação social pode ser compreendida simultaneamente como conteúdo simbólico e como processo de construção de sentido. Seu estudo envolve, portanto, a análise das formas pelas quais os indivíduos percebem, imaginam e interpretam o mundo social, articulando experiências subjetivas com valores, normas e referências culturais compartilhadas. Dessa maneira, as representações sociais operam como instâncias mediadoras entre indivíduo e sociedade, pois conectam os processos subjetivos de interpretação às estruturas simbólicas e culturais que organizam a vida coletiva.

Ao investigar os elementos que estruturam as representações sociais, Moscovici (2003) identifica dimensões que compõem o conteúdo dessas representações e que estão diretamente relacionadas ao contexto social no qual os indivíduos estão inseridos. Essas dimensões permitem compreender de que maneira os sujeitos organizam cognitivamente e simbolicamente os objetos presentes na vida social.

A primeira dimensão refere-se à atitude, entendida como uma orientação geral do sujeito diante do objeto representado. Trata-se de uma disposição que expressa posicionamentos e avaliações construídas ao longo das experiências

individuais e coletivas. Trata-se de: “uma orientação geral face ao objeto de representação. Ela se apresenta como uma pré-conceituação que é produto de relações, remanejamentos e organizações da experiência do sujeito com o objeto” (SANTOS, 1994). Nesse sentido, a atitude encontra-se profundamente vinculada à trajetória histórica do indivíduo ou do grupo social ao qual pertence.

.Outra dimensão fundamental é a informação, que corresponde ao conjunto de conhecimentos que os sujeitos possuem acerca do objeto social representado. Essa dimensão envolve tanto a quantidade quanto a qualidade das informações disponíveis, possibilitando identificar diferentes níveis de conhecimento ou familiaridade com determinado tema dentro de um grupo social.

Esses elementos articulam-se no chamado campo da representação, que corresponde à organização interna dos conteúdos representacionais. Nesse campo, os diferentes elementos que compõem a representação se estruturam de forma hierárquica, evidenciando relações de predominância, oposição ou complementaridade. Conforme descreve Santos (1994), o campo da representação seria uma unidade hierarquizada dos elementos que denota a organização desse conteúdo (preponderância, oposição etc, de um elemento sobre o outro) e o caráter vasto desse conteúdo, suas propriedades qualitativas.

A análise dessas três dimensões — atitude, informação e campo da representação — possibilita compreender como diferentes grupos sociais constroem sentidos acerca de determinados objetos, bem como identificar distinções e aproximações entre as representações compartilhadas socialmente.

Além da estrutura do conteúdo representacional, Moscovici (1978) também se dedica a explicar os processos pelos quais as representações sociais são formadas. Para o autor, dois mecanismos desempenham papel central nesse processo: objetivação e ancoragem.

A objetivação refere-se ao processo por meio do qual ideias ou conceitos inicialmente abstratos passam a ser percebidos como algo concreto e evidente na realidade social. Nesse movimento, conteúdos teóricos ou complexos são transformados em imagens, exemplos ou explicações simplificadas que facilitam sua compreensão e circulação no cotidiano. Como resultado, aquilo que originalmente era uma elaboração conceitual passa a ser tratado como um dado concreto da realidade. Para Tap (1985), um exemplo desse processo pode ser observado quando noções provenientes da teoria psicanalítica deixam de ser entendidas como

hipóteses teóricas e passam a ser atribuídas diretamente aos indivíduos como características reais de sua personalidade.

Tap (1985) propõe que a objetivação envolve dois movimentos principais. O primeiro corresponde à naturalização do objeto, momento em que um conceito abstrato é transformado em uma imagem ou modelo figurativo que passa a orientar a compreensão da realidade. O segundo movimento refere-se à categorização, por meio da qual a representação social passa a funcionar como um instrumento de classificação e organização do mundo social. Esses processos implicam ainda a seleção de determinadas informações e a descontextualização dos elementos retidos, o que contribui para a consolidação de determinadas interpretações da realidade.

Por sua vez, o processo de ancoragem consiste na incorporação de um novo objeto de conhecimento aos sistemas de valores, categorias e significados já existentes em um grupo social. A partir desse processo, o objeto passa a ser interpretado à luz de referências previamente estabelecidas, integrando-se a uma rede de sentidos compartilhados. Dessa forma, a ancoragem permite que aquilo que é inicialmente estranho ou desconhecido seja compreendido e assimilado dentro das estruturas simbólicas já presentes na vida social.

Segundo Moscovici (1978), por meio da articulação entre objetivação e ancoragem, as representações sociais adquirem simultaneamente forma figurativa e significado social, permitindo que os indivíduos interpretem a realidade e orientem suas práticas cotidianas a partir de sistemas compartilhados de sentido.

Quadro 4 – Síntese conceitual dos processos das Representações Sociais

Processo	Definição	Movimentos constitutivos	Função	Referência
-----------------	------------------	---------------------------------	---------------	-------------------

Objetivação	Transformação de ideias abstratas em entidades palpáveis, concretas e exteriores ao sujeito. Torna concreto o abstrato, convertendo conceitos em imagens/núcleos figurativos.	Naturalização: Construção de modelo figurativo (núcleo imaginante). Categorização: Instrumento de ordenamento/classificação do real. Inclui seleção de informações e descontextualização.	Torna a representação tangível e manipulável. Ex.: psicanálise como "atributo real" do outro.	Moscovici (2003); Tap (1985)
Ancoragem	Inserção do objeto em hierarquia de valores, estabelecendo rede de significações.	Integração em sistemas valorativos e simbólicos pré-existentes.	Confere caráter figurativo e significativo à representação.	Moscovici (2003)

Fonte: Elaboração própria, com base nos autores citados.

Os processos de objetivação e ancoragem demonstram que as representações sociais são construídas por meio de mecanismos que tornam compreensível aquilo que inicialmente é abstrato ou desconhecido. Desse modo, constituem formas de conhecimento socialmente elaboradas que orientam a interpretação da realidade e as práticas cotidianas, perspectiva posteriormente aprofundada nas contribuições de Jodelet.

Dito isto, Jodelet (1984) também propõe uma possível definição da representação social:

[...] O conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específico, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais abrangentemente, ela designa uma forma de pensamento social. As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientado para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tal, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. A

marca social dos conteúdos ou dos processos da representação remete às condições e ao contexto das quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam, às funções que elas têm na interação com o mundo e com os outros (JODELET, 1984, p. 361).

Compreender a gênese e a estrutura das representações sociais torna-se, portanto, fundamental para analisar como determinadas interpretações da realidade se consolidam no imaginário coletivo, influenciando percepções, posicionamentos e práticas sociais.

Desse modo, a Teoria das Representações Sociais oferece um aporte indispensável para compreender a eficácia simbólica das *fake news*. Mais do que questionar a veracidade de uma informação, torna-se necessário entender os sentidos que ela mobiliza, os vínculos afetivos que ativa e as estruturas coletivas de pensamento que atualiza. Esse olhar psicológico-social permite ir além da análise do conteúdo falso, alcançando os processos pelos quais os sujeitos constroem significados que orientam sua visão de mundo, suas atitudes sociais e suas práticas políticas.

3.3 Representações sociais, mídia e desinformação

A compreensão das representações sociais exige considerar os espaços nos quais os significados circulam, são disputados e se estabilizam. Na contemporaneidade, tais processos ocorrem de forma cada vez mais intensa nos ambientes midiáticos, onde diferentes narrativas disputam a interpretação dos acontecimentos sociais, políticos e culturais. Como apontado por Stuart Hall:

[...] se até a modernidade o sujeito era percebido como portador de uma identidade única ou uma essência interior fixa vinculada a categorias amplas como sexo, religião, classe social e visão política, a noção de sujeito pós-moderno celebra as “identidades móveis” (HALL, 2003, p.13)

Nesse contexto, os meios de comunicação desempenham papel central na difusão e na reorganização das representações sociais, contribuindo para a formação de quadros interpretativos compartilhados.

Sob essa perspectiva, a mídia não atua apenas como um canal de transmissão de informações, mas como um espaço de produção simbólica no qual sentidos são continuamente construídos e negociados. Como argumenta Hall (2003), os processos comunicacionais participam diretamente da produção de significados sociais, uma vez que a cultura funciona como um sistema de representação no qual os sujeitos interpretam e dão sentido à realidade por meio da linguagem e das práticas discursivas.

Dessa forma, os conteúdos midiáticos não apenas refletem o mundo social, mas contribuem para estruturá-lo simbolicamente, uma vez que os sistemas de representação participam ativamente da produção de sentidos compartilhados na cultura. Como apontado: “a representação é uma parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e compartilhado entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016, p. 31).

Essa perspectiva aproxima-se da Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici, segundo a qual o conhecimento cotidiano se constrói por meio de processos comunicacionais que permitem aos indivíduos tornar familiar aquilo que inicialmente lhes é estranho. Segundo Jovchelovitch (2000), as representações sociais são encontradas nas reuniões públicas, nos cafés, nas ruas, nos meios de comunicação, nas instituições sociais, enfim, no encontro público de atores sociais, nos espaços em que os sujeitos sociais se reúnem para falar e dar sentido ao cotidiano.

As representações sociais emergem, portanto, da circulação de ideias, imagens e discursos que possibilitam aos grupos interpretar fenômenos complexos a partir de referências compartilhadas. Como acrescentado:

[...] as transformações do homem e a forma como assimila a realidade social são percebidas pela teoria das representações sociais em um processo histórico e não natural, considerando a ideologia como determinante de formas de pensar e agir. A ideologia integra também essas representações e influencia diretamente na consciência individual, em que se identificam e se localizam. (...) A ideologia se concretiza em nível de representações sociais e é expressa no exterior, no mundo, pelas ações e linguagem dos homens. (CONSTANTINO; SOUZA; GUARESCHI, 2007, p. 54)

Na mesma direção, Jodelet (2009) destaca que as representações sociais se manifestam nas práticas sociais e nos modos pelos quais os sujeitos interpretam e organizam sua experiência cotidiana. Nesse sentido, a comunicação desempenha

papel fundamental, pois é por meio dela que os significados se disseminam, são reinterpretados e passam a integrar o repertório simbólico de grupos e comunidades. Como afirma Serge Moscovici, as representações sociais são sempre resultado da interação e da comunicação entre os sujeitos, processos pelos quais elas: “tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como consequência do equilíbrio particular desses processos de influência social” (MOSCOVICI, 2003, p. 21).

Quando se considera o ambiente informacional contemporâneo, marcado pela intensificação dos fluxos comunicacionais e pela centralidade das plataformas digitais, torna-se evidente que as representações sociais podem também ser mobilizadas na produção e circulação de narrativas desinformativas. A desinformação frequentemente opera justamente no interior desses sistemas simbólicos, apropriando-se de valores, crenças e identidades previamente existentes para produzir interpretações que se apresentam como plausíveis ou verossímeis. Como destaca Araújo (2021), a desinformação explora "a valorização daquilo que confirma ideias preconcebidas", selecionando conteúdos que ressoam com sistemas simbólicos já estabelecidos:

[...] A expressão cultura designa justamente um conjunto de valores, de naturalizações, de estímulos a um determinado comportamento – no caso, o desprezo pela verdade, a valorização daquilo que confirma ideias preconcebidas, a seleção apenas daquilo que é compatível com elas. (ARAÚJO, 2021, p. 219).

Nesse processo, mecanismos como objetivação e ancoragem, descritos por Moscovici (1978), tornam-se particularmente relevantes. Narrativas complexas são simplificadas em imagens ou explicações facilmente reconhecíveis, via objetivação, enquanto novos conteúdos são integrados a esquemas interpretativos já consolidados no imaginário social, pela ancoragem. Assim, pode-se dizer que: “determinadas versões da realidade passam a circular socialmente como interpretações legítimas, mesmo quando se apoiam em informações distorcidas ou incompletas” (MOSCOVICI, 1978, p. 174).

Dessa forma, compreender a relação entre representações sociais, conteúdos midiáticos e desinformação torna-se fundamental para analisar como determinados discursos ganham força no espaço público. É nesse contexto que iniciativas midiáticas específicas podem atuar como produtoras e difusoras de narrativas que

disputam a interpretação da realidade social. A análise dessas dinâmicas torna-se particularmente relevante quando se observa o papel desempenhado por plataformas e projetos comunicacionais que se apresentam como alternativas às narrativas predominantes, como é o caso da Brasil Paralelo, cuja atuação será examinada na seção seguinte.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com delineamento descritivo e exploratório, por se tratar de uma investigação voltada à compreensão dos sentidos e estratégias discursivas presentes em conteúdos produzidos e disseminados por meio de plataformas digitais. A escolha metodológica se justifica pela complexidade simbólica do objeto de pesquisa, que exige uma aproximação interpretativa, voltada à análise dos significados atribuídos pelos sujeitos às informações consumidas. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos em seus contextos naturais, reconhecendo a multiplicidade de significados e a profundidade dos processos socioculturais envolvidos, o que a torna especialmente adequada para o estudo de práticas comunicacionais, como a desinformação e a circulação de *fake news*.

A investigação se inscreve no interior do paradigma interpretativo-constructivista, o qual compreende a realidade social como construída pelas interações humanas e mediada por símbolos, linguagens e práticas culturais. Denzin e Lincoln (2006) propõem que este paradigma reconheça o papel ativo do pesquisador e dos sujeitos na construção dos significados, admitindo a subjetividade como parte constitutiva do processo de produção do conhecimento. Assim, mais do que buscar a verificação de hipóteses, a proposta metodológica deste trabalho visa a interpretar como os discursos analisados operam simbolicamente, influenciam percepções e estruturam visões de mundo. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa privilegia a interpretação dos significados presentes nas práticas sociais, uma vez que: “privilegia a análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados” (MARTINS, 2004, p. 289).

O corpus da pesquisa é composto por textos produzidos pela empresa Brasil Paralelo, com especial atenção àqueles que abordam temas ligados à psicologia. A seleção dos materiais considerou critérios como o alcance do conteúdo nas redes sociais, a repercussão pública e a presença de elementos discursivos com potencial desinformativo. Trata-se, portanto, de um recorte intencional, guiado pelo princípio da relevância simbólica e pelo alinhamento com os objetivos da pesquisa.

4.1 Método

A análise do corpus será conduzida por meio da análise de conteúdo qualitativa. A análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), permite a categorização sistemática dos temas, símbolos e estratégias linguísticas presentes nos materiais, facilitando a identificação de padrões narrativos, dispositivos retóricos e categorias afetivas que sustentam a construção simbólica dos discursos, compreendendo-se que: “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47).

A articulação entre os campos do saber, Psicologia Social e Ciência da Informação é central para a abordagem metodológica adotada. A Ciência da Informação oferece ferramentas conceituais para compreender os fluxos informacionais, a mediação tecnológica e os processos de apropriação da informação no ambiente digital, enquanto a Psicologia Social permite analisar como esses conteúdos são internalizados pelos sujeitos, transformando-se em crenças, afetos e atitudes. Nesse sentido, a análise dos dados será orientada por uma perspectiva interdisciplinar, que busca compreender não apenas o que é dito, mas o como e o porquê certos discursos ganham adesão social.

4.2 Universo do estudo

O universo da pesquisa é composto pela plataforma digital da Brasil Paralelo, produtora audiovisual criada em 2016 e reconhecida por seu posicionamento ideológico conservador (seção 4). A empresa tem expandido sua atuação, oferecendo cursos e conteúdos didáticos voltados ao ensino básico, muitos dos quais são direcionados às escolas públicas e privadas. Seus materiais visam a reinterpretar temas da história, política e ciências humanas por meio de uma abordagem que frequentemente simplifica conceitos complexos e reconfigura saberes científicos sob uma perspectiva ideológica. Segundo Santos (2023), a

atuação de agentes como a Brasil Paralelo pode ser compreendida como uma forma de disputa simbólica por hegemonia narrativa nas esferas pública e digital.

A partir das discussões apresentadas nas seções anteriores, que abordaram os conceitos de desinformação, *fake news* e pós-verdade, bem como os aportes da Psicologia Social e da Teoria das Representações Sociais para compreender a circulação de sentidos no ambiente informacional contemporâneo, torna-se necessário deslocar a análise para um objeto empírico específico. Nesse contexto, esta seção dedica-se à plataforma Brasil Paralelo, produtora de conteúdos audiovisuais e textos de caráter político, histórico e cultural amplamente difundidos nas mídias digitais. A escolha da produtora como objeto de análise justifica-se por sua atuação expressiva no ecossistema informacional brasileiro, especialmente no contexto da desinformação digital.

A emergência de novas organizações midiáticas digitais no Brasil tem sido frequentemente associada às transformações do debate público ocorridas na última década, especialmente em um contexto de intensificação da polarização política e de questionamentos dirigidos às instituições democráticas. Nesse cenário, algumas plataformas passaram a disputar espaço na produção e circulação de narrativas políticas e culturais, explorando formatos audiovisuais e estratégias de comunicação voltadas às redes digitais.

Entre essas iniciativas destaca-se a Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A. A partir dos dados encontrados nos estudos de Amorim (2023), a organização fundada em 2016, na cidade de Porto Alegre, por Filipe Valerim, Lucas Ferrugem e Henrique Viana. Desde sua criação, a empresa dedicou-se à produção de conteúdos audiovisuais de caráter documental, inicialmente distribuídos por meio da plataforma *YouTube*. Com o passar dos anos, entretanto, suas atividades foram ampliadas, passando a incluir uma plataforma própria de streaming, a comercialização de cursos online, a publicação de *e-books* e outros produtos digitais voltados à formação cultural e política de seu público. Em sua apresentação institucional, a organização afirma possuir como missão “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”, além de declarar a intenção de tornar-se “o ecossistema de maior influência cultural no Brasil”. Amorim (2023) acrescenta que a partir dos dados divulgados pela própria empresa, sua base de usuários ultrapassa 400 mil assinantes pagantes, além de cerca de 3,6 milhões de inscritos em seu canal no *YouTube*. No plano econômico, estimativas indicam que

o faturamento da organização alcançou aproximadamente R\$ 150 milhões no ano de 2022.

A consolidação da Brasil Paralelo no ambiente digital não pode ser compreendida apenas pela produção de conteúdos audiovisuais, mas também pelas estratégias de circulação e divulgação adotadas pela empresa. Um dos elementos centrais desse processo diz respeito ao investimento em publicidade nas principais plataformas digitais. Entre agosto de 2020 e janeiro de 2023, por exemplo, a empresa figurou como a principal anunciante na categoria “temas sociais, eleições ou política” nas plataformas pertencentes à Meta, com um investimento estimado em R\$ 16,3 milhões distribuídos em aproximadamente 48.843 anúncios. Granjeira e Almeida (2023) acrescentam que, paralelamente, a organização também mantém presença significativa em estratégias de publicidade associadas aos serviços da *Google*, sendo frequentemente apontada como uma das maiores anunciantes do *YouTube* e aparecendo com frequência entre os primeiros resultados de busca relacionados a diferentes temas. A partir desse conjunto de práticas de *marketing* digital, a empresa ampliou significativamente seu alcance e consolidou-se como uma das organizações midiáticas de caráter político com maior visibilidade nas plataformas digitais brasileiras.

Para além do conteúdo discursivo propriamente dito, alguns autores também chamam atenção para os elementos estéticos e narrativos utilizados nas produções da empresa. Felinto (2023), por exemplo, destaca que parte significativa da eficácia comunicacional desses conteúdos está relacionada à construção de uma atmosfera narrativa marcada por suspeita e tensão permanente, produzida por meio da combinação de trilhas sonoras, recursos visuais e estratégias de edição. Esse tipo de construção estética pode ser observado, entre outros exemplos, na trilogia intitulada *Pátria Educadora*, na qual se apresenta a ideia de uma suposta doutrinação ideológica no sistema educacional brasileiro.

Nesse contexto, diferentes estudos têm apontado que muitas das narrativas presentes nas produções da Brasil Paralelo apresentam características frequentemente associadas às teorias conspiratórias. Entre esses elementos destacam-se a construção de antagonismos entre grupos sociais, a atribuição de grande poder a agentes supostamente responsáveis por conduzir processos históricos de forma oculta e a contestação recorrente de instituições consideradas autoridades na produção de conhecimento.

A presença da Brasil Paralelo no ecossistema informacional brasileiro revela a forma como produtores de conteúdo digital disputam capital simbólico para legitimar suas narrativas. Conforme Bourdieu (1989), o campo simbólico é marcado por um embate constante por autoridade discursiva, reconhecimento e legitimidade cultural. A Brasil Paralelo investe fortemente nesse processo ao se apresentar como “alternativa à mídia tradicional”, posicionando-se como detentora de uma verdade supostamente silenciada e reivindicando para si o ethos de “agente revelador”. Essa autodefinição performática constitui não apenas uma estratégia de comunicação, mas uma tática de ocupação de espaço simbólico, por meio da qual a empresa busca estabelecer-se como fonte legítima de conhecimento histórico, político e social.

Considerando o alcance das produções da Brasil Paralelo e sua atuação na circulação de narrativas sobre temas sociais, históricos e culturais, torna-se pertinente examinar de forma mais detalhada como determinados conteúdos são estruturados e quais sentidos são mobilizados em sua construção discursiva. Nesse sentido, o presente estudo seleciona textos específicos produzidos pela plataforma para análise, buscando compreender de que maneira elementos associados à desinformação e às disputas de interpretação da realidade podem ser identificados a partir das contribuições da Psicologia Social na Teoria das Representações Sociais e da Ciência da Informação.

Dentre as vinte categorias presentes no *site*: Tudo, Aborto, Arte, Atualidades, Biografia, Desenhos, Economia, Educação, Feminismo, Filmes, Filosofia, Futebol, História, História do Brasil, Investigação Paralela, Meio Ambiente, Política, Psicologia, Religião e Sociologia, optou-se pela categoria intitulada Psicologia. A escolha desta categoria na plataforma não foi aleatória: além da afinidade do pesquisador com a área, o campo psicológico se mostra estratégico para a compreensão de mecanismos efetivos de manipulação da opinião pública e para a análise crítica da circulação de desinformação. Assim, a Psicologia foi tomada como objeto específico de análise dentro da lógica de produção de conteúdos que buscam performar cientificidade, mesmo quando descolados de bases teóricas consistentes. Ressalta-se que, no momento da coleta do material empírico (08 de outubro de 2025), o *site*¹ apresentava uma seção específica denominada Psicologia, na qual os

¹ Informações disponíveis no portal da **Brasil Paralelo**. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br>. Acesso em: 8 out. 2025.

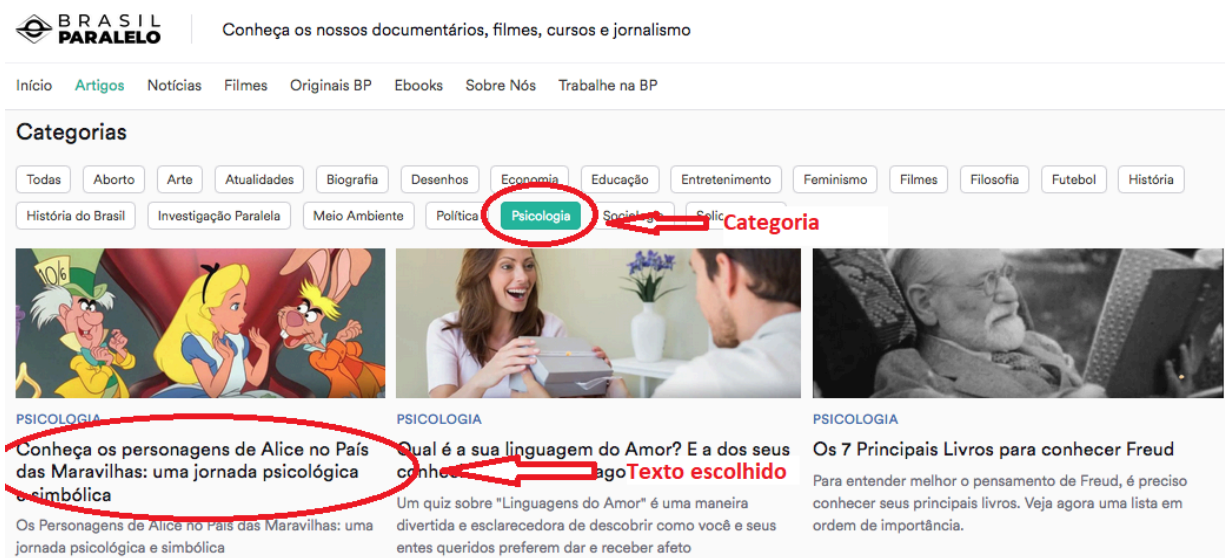
cinco artigos analisados estavam originalmente classificados. Posteriormente, em decorrência de uma alteração recente no *layout* e na organização editorial da plataforma, essa categoria deixou de existir, e os conteúdos anteriormente nela agrupados passaram a ser incorporados à categoria Sociedade. Para fins de transparência metodológica, registra-se que a seleção do corpus foi realizada com base na estrutura do site vigente à época da coleta dos dados.

4.3 Procedimentos de coleta de dados

Na categoria “Psicologia” (Figura 1), foram identificados 13 artigos relacionados ao tema. A escolha fundamenta-se no modo de organização da plataforma, que confere maior evidência aos conteúdos mais acessados, explicando sua disposição no *site*. Assim, a seleção não se deu de forma aleatória, mas orientada pela visibilidade dos artigos e por seu potencial de circulação, aspecto diretamente relacionado aos objetivos da pesquisa.

De maneira complementar, também foram excluídos os textos que, embora classificados na área da Psicologia, não estabeleciam relação direta com o objeto de estudo ou não dialogavam com fenômenos informacionais e com os impactos subjetivos da desinformação no contexto digital. Dessa forma, o corpus final foi constituído pelos cinco artigos que reuniam maior visibilidade e maior aderência teórica à proposta analítica da dissertação, garantindo coerência metodológica e epistemológica.

Figura 1: Escolha de categoria na plataforma Brasil Paralelo



Fonte: Página Brasil Paralelo (2025).

Os artigos disponíveis nesta seção foram selecionados e examinados no período dos dias 16 e 17 de outubro de 2025, a saber: “O que está por trás do *Project December*? A IA que afirma ‘reviver’ mortos”, “Conheça os personagens de Alice no País das Maravilhas: uma jornada psicológica e simbólica”, “Como ser uma pessoa mais madura? Veja mais de 20 dicas de psicólogos e especialistas renomados”, “Descubra muitos dos melhores cursos de desenvolvimento pessoal do Brasil” e “O que é o Sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas”. A escolha desses textos teve como objetivo identificar a presença de informações falsas, ambiguidades conceituais e potenciais mecanismos discursivos que favorecem a produção e a circulação de desinformação.

A decisão de delimitar o corpus a cinco artigos fundamentou-se em critérios operacionais e metodológicos, sobretudo vinculados à natureza da análise qualitativa adotada. Tal abordagem exige um exame minucioso dos conteúdos, incluindo leitura extensiva, interpretação reflexiva e categorização rigorosa dos materiais analisados, o que inviabiliza a inclusão de um volume maior de textos sem prejuízo da profundidade analítica. Assim, a seleção buscou garantir a pertinência temática e a consistência teórico-metodológica do corpus, assegurando maior qualidade interpretativa e coerência com os objetivos da pesquisa.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, seguindo a sistematização clássica e amplamente reconhecida proposta por Bardin

(2011). Esta técnica metodológica é particularmente adequada para estudos qualitativos que buscam interpretar discursos, mensagens e textos em profundidade, ao possibilitar a decomposição dos materiais em unidades significativas, que revelam estruturas subjacentes, padrões recorrentes e sentidos latentes que não são imediatamente evidentes em uma leitura superficial ou meramente descritiva. Essa abordagem metodológica permite acessar as dimensões simbólicas e discursivas do conteúdo, fundamentais para a compreensão da circulação de desinformação em ambientes digitais, uma vez que a análise de conteúdo: “proporciona uma abordagem flexível e que pode ser adaptada de acordo com os objetivos e questões de pesquisa, tornando-se uma ferramenta valiosa para compreender as dinâmicas comunicacionais e sociais presentes nas redes sociais digitais” (PEREIRA; KOCHHANN, 2025, p. 58).

O procedimento metodológico foi rigorosamente estruturado e seguiu as três fases fundamentais indicadas por Bardin (2011), a saber: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos, seguido da interpretação dos dados.

Na fase de pré-análise, procedeu-se a uma leitura flutuante e exploratória dos cinco textos selecionados, com o objetivo principal de promover um primeiro contato abrangente com o corpus de estudo. Essa etapa inicial teve um papel crucial, pois permitiu ao pesquisador formular hipóteses preliminares acerca dos conteúdos e estabelecer critérios claros e consistentes para a codificação posterior. Durante essa fase, também foram realizadas atividades fundamentais de organização do material documental, incluindo a identificação das fontes dos textos, sua formatação para facilitar o processo de análise e a delimitação das unidades de contexto — que, nesse caso, compreenderam desde parágrafos completos até blocos argumentativos autônomos, capazes de expressar um sentido próprio e relevante para os objetivos da pesquisa.

Na segunda fase, denominada exploração do material, ocorreu a etapa central de codificação das unidades de registro. Estas unidades consistem em segmentos textuais relevantes para a pesquisa, que variaram desde sentenças isoladas, passando por parágrafos, até blocos discursivos mais extensos, escolhidos em função da densidade informacional e do potencial interpretativo. O processo de codificação seguiu dois eixos principais, orientando a sistematização e análise dos dados.

O primeiro eixo, relativo à estrutura das *fake news*, buscou identificar os elementos textuais e discursivos que comumente compõem conteúdos desinformativos. Entre esses elementos destacaram-se o uso recorrente de apelos emocionais, que buscam mobilizar o leitor por meio de afetos como medo, indignação e comoção; o emprego de linguagem de autoridade ou referências pseudocientíficas que conferem uma aparência de legitimidade e confiabilidade ao conteúdo; distorções, omissões e manipulações de dados e fatos que comprometem a veracidade e a integridade das informações; generalizações excessivas, que têm o efeito de transformar casos pontuais em verdades universais e incontestáveis; e, finalmente, dicotomias morais simplistas que apresentam o mundo dividido em “bem versus mal” ou “verdadeiros versus manipulados”, reduzindo a complexidade do debate e polarizando opiniões de forma rígida.

O segundo eixo de codificação referiu-se à performatividade discursiva, conceito que enfatiza a capacidade da linguagem não apenas de representar a realidade, mas de construí-la e performar ações no mundo social. Essa dimensão da análise concentrou-se em aspectos pragmáticos do discurso, buscando compreender o que os textos fazem ao serem lidos, seja persuadir, incitar, dividir ou manipular o público. Foram analisadas, ainda, as repetições de fórmulas linguísticas, utilizadas como estratégia para reforçar crenças já estabelecidas; a produção de efeitos de verdade, que naturalizam determinadas interpretações, tornando invisíveis seus pressupostos ideológicos subjacentes; e os modos específicos de interpelação do sujeito-leitor, que é convocado a assumir uma posição definida no interior da narrativa, seja como vítima da suposta manipulação midiática ou como sujeito “despertado” para a verdade escondida.

Na terceira e última fase, dedicada ao tratamento dos resultados e à interpretação dos dados, os conteúdos codificados foram organizados em categorias temáticas, o que facilitou uma análise transversal entre os dois textos. Esse momento constituiu-se em uma leitura crítica e interpretativa dos dados, que se deu à luz do referencial teórico adotado pela pesquisa, principalmente nos campos da Ciência da Informação e da Psicologia Social, com foco nas dinâmicas de circulação da desinformação e seus efeitos subjetivos nos indivíduos e grupos sociais.

O resultado desse processo analítico evidenciou que os artigos da seção “Psicologia” da *Brasil Paralelo* não apenas veiculam conteúdos marcados por uma forte carga ideológica sob a aparência enganosa de neutralidade analítica, mas

também empregam dispositivos linguísticos e estruturais típicos das *fake news*. A performatividade discursiva observada nesses textos emerge como um vetor decisivo para sua eficácia comunicativa, ao mobilizar afetos, reforçar crenças pré-existentes e operar com padrões retóricos que naturalizam certas interpretações da realidade, ocultando os interesses e pressupostos ideológicos que as fundamentam.

Por fim, destaca-se que os critérios de codificação desenvolvidos foram consolidados em uma matriz analítica, que representa uma contribuição metodológica importante para este e futuros estudos, pois permite ampliar a possibilidade de análises comparativas e a replicação do método em diferentes contextos de pesquisa.

4.4 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados foi conduzida com base na análise de conteúdo de inspiração categorial, conforme sistematizada por Bardin (2011). Essa técnica se mostra particularmente adequada a pesquisas qualitativas que buscam compreender o sentido simbólico das mensagens, permitindo decompor o conteúdo em unidades temáticas que revelem estruturas, padrões e significados implícitos. Para a autora a análise de conteúdo consiste em:

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, com a finalidade de inferir conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48)

A escolha dessa técnica fundamenta-se na natureza interpretativa e simbólica do objeto de pesquisa, uma vez que o estudo busca identificar estratégias discursivas, representações sociais e mecanismos de desinformação presentes em materiais produzidos pela plataforma Brasil Paralelo. A análise categorial permite examinar os textos de modo detalhado, examinando em unidades de registro que expressam aspectos temáticos, linguísticos ou ideológicos relevantes. Essa abordagem oferece flexibilidade e profundidade analítica, tornando possível

apreender tanto o conteúdo manifesto quanto o conteúdo latente das mensagens, uma vez que a análise categorial: “apresenta um processo que se estabelece a partir da análise e exploração do material, compondo as categorias temáticas, ou seja, identificando os temas mais recorrentes encontrados nos materiais ou enunciados pelos sujeitos participantes da pesquisa” (VALLE; FERREIRA, 2024, p. 11).

Optou-se por uma categorização a posteriori, isto é, as categorias de análise não foram previamente definidas, mas emergiram progressivamente ao longo da leitura e codificação do material, como afirma Bardin (2011), as categorias podem ser criadas a priori ou a posteriori, podendo acontecer a partir apenas da teoria ou após a coleta de dados. Essa decisão justifica-se pela natureza exploratória da pesquisa e pela necessidade de permitir que as categorias fossem construídas a partir das evidências empíricas e dos sentidos efetivamente presentes nos textos. Dessa forma, o processo de categorização ocorreu de modo indutivo, respeitando a complexidade e a singularidade do corpus analisado.

O procedimento analítico seguiu as três fases clássicas da análise de conteúdo propostas por Bardin (2011):

1. Pré-análise, caracterizada pela leitura flutuante e pela formulação de hipóteses iniciais sobre o material;
2. Exploração do material, momento em que foram identificadas e codificadas as unidades de registro e de contexto;
3. Tratamento dos resultados e interpretação, fase de categorização, organização e discussão dos dados à luz do referencial teórico.

As unidades de registro compreenderam desde frases isoladas até blocos discursivos inteiros, selecionados conforme sua relevância para os objetivos da pesquisa. A partir da codificação, emergiram categorias que evidenciam as estratégias discursivas utilizadas para legitimar informações falsas, mobilizar afetos ou reforçar crenças ideológicas.

Além disso, empregou-se uma análise comparativa, com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças entre os textos analisados — especialmente no modo como abordam temas psicológicos e sociais sob a aparência de discurso científico. Essa estratégia permitiu contrastar padrões narrativos, tipos de apelo emocional e modos de construção simbólica da realidade, ampliando a

compreensão das formas pelas quais a desinformação se manifesta e se reproduz nos conteúdos da Brasil Paralelo.

A análise de conteúdo categorial contribuiu para uma leitura crítica e interdisciplinar do corpus, permitindo compreender como os discursos informacionais e simbólicos atuam conjuntamente na formação de percepções, representações e crenças sociais.

5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise realizada permitiu relacionar o conteúdo dos artigos selecionados com a dinâmica contemporânea de produção, circulação e recepção de informações falsas, situando esses processos no cruzamento entre os aportes da Ciência da Informação e da Psicologia Social. Parte-se do pressuposto de que a desinformação não pode ser explicada como simples ausência de verdade, mas como um fenômeno social, cognitivo e comunicacional, atravessado por condições históricas, tecnológicas, psíquicas e coletivas. A abundância informacional, intensificada pelas plataformas digitais, amplia os fluxos comunicacionais, ao mesmo tempo em que cria cenários de incerteza, acelerando a circulação de conteúdos não verificados e facilitando a adesão subjetiva a narrativas falsas.

Esse panorama demanda compreender tanto os processos de mediação informacional, conceituado por Almeida Júnior (2008), quanto os mecanismos psicossociais que levam indivíduos e grupos a aderirem e reproduzirem tais conteúdos. Nesse sentido, a análise de conteúdo, inspirada em Bardin (2011), permitiu identificar categorias que se articulam diretamente com o referencial teórico adotado, tais como: sensação de sobrecarga cognitiva, busca por sentido e segurança simbólica, fragilização de mecanismos de validação da informação e vulnerabilidade frente ao apelo emocional e identitário do discurso desinformador.

O entrelaçamento desses elementos evidencia que a desinformação não apenas informa: ela organiza afetos, reforça identidades e atua simbolicamente na construção da realidade compartilhada. Nesse sentido, Araújo (2014) aponta que a informação e suas formas de representação não constituem um simples espelho do real, mas correspondem a diferentes maneiras pelas quais a realidade é apreendida e sistematizada em contextos sociais específicos.

Assim, a discussão apresentada nesta seção busca demonstrar como os resultados obtidos dialogam com a literatura que compreende a informação como processo social, político e simbólico. Ao mesmo tempo, o debate ressalta como as fake news operam como dispositivos de produção de sentido que ultrapassam o domínio factual, afetando modos de conhecer, interpretar o mundo e agir nele – aspecto central para pesquisas que pretendem avançar na compreensão

interdisciplinar do fenômeno.

5.1 Pré-análise

A pré-análise consistiu na leitura flutuante e criteriosa dos cinco textos selecionados da seção de Psicologia da Brasil Paralelo: “Conheça os personagens de Alice no País das Maravilhas: uma jornada psicológica e simbólica” (BRASIL PARALELO, 2025), “O que é o Sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas” (BRASIL PARALELO, 2022), “Como ser uma pessoa mais madura? Veja mais de 20 dicas de psicólogos e especialistas renomados” (BRASIL PARALELO, 2023), “O que está por trás do Project December? A IA que afirma 'reviver' mortos” (BRASIL PARALELO, 2025) e “Desenvolvimento pessoal - veja dicas para atingir o seu maior potencial” (BRASIL PARALELO, 2023). Nesse primeiro momento, buscou-se o contato exploratório com o material, priorizando a apreensão geral dos conteúdos, do estilo discursivo e das estratégias argumentativas utilizadas nos textos, além da identificação preliminar de marcas simbólicas que orientavam a construção de sentido.

O Quadro 5 apresenta uma síntese dos textos que compõem o corpus desta pesquisa, reunindo informações como título, data de publicação, temática e uma breve descrição de cada conteúdo. Seu objetivo é situar o leitor quanto aos materiais analisados, oferecendo uma visão geral dos textos selecionados.

Quadro 5 – Síntese dos textos analisados

Título do texto	Data de publicação	Tema central	Síntese do conteúdo
Conheça os personagens de Alice no País das Maravilhas: uma jornada psicológica e simbólica	09/04/2025	Interpretação psicológica de obra literária	Analisa personagens da obra como representações simbólicas da psique humana, mobilizando autores da psicologia e filosofia para interpretar aspectos como identidade, inconsciente, poder e moralidade.

O que está por trás do <i>Project December</i>? A IA que afirma “reviver” mortos	12/11/2025	Inteligência artificial e pós-vida digital	Apresenta o funcionamento de uma IA que simula pessoas falecidas, discutindo implicações emocionais, éticas e tecnológicas desse tipo de ferramenta.
O que é o sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas	08/04/2024	Emoção, cultura e manipulação	Define o sentimentalismo como exagero emocional e discute como ele pode ser utilizado para influenciar percepções e opiniões, especialmente em contextos sociais e políticos.
Desenvolvimento pessoal: veja dicas para atingir o seu maior potencial	08/04/2024	Desenvolvimento pessoal e vocação	Apresenta o desenvolvimento pessoal como caminho para realização individual, articulando dimensões física, psicológica e espiritual com base em autores clássicos.
Como ser uma pessoa mais madura? Veja mais de 20 dicas de psicólogos e especialistas renomados	28/01/2025	Maturidade psicológica	Discute o conceito de maturidade como desenvolvimento da responsabilidade e da virtude, oferecendo orientações baseadas em autores da psicologia e da filosofia.

Fonte: Elaboração própria a partir dos textos da Brasil Paralelo.

A leitura inicial permitiu a formulação de algumas hipóteses interpretativas. No texto “Conheça os personagens de Alice no País das Maravilhas: uma jornada psicológica e simbólica”, observou-se a mobilização de elementos narrativos de

literatura infantil como metáfora para conflitos psicológicos contemporâneos, atribuindo ao leitor o papel de sujeito em luta contra adversários internos. Essa construção discursiva sugere que a interpretação psicológica oferecida não se limita ao campo clínico, mas dialoga com um imaginário moralizante, reforçando a noção de que o sofrimento emocional deve ser interpretado como fracasso pessoal ou falta de coragem. Tal perspectiva pode ser observada quando o texto afirma que “a jornada de Alice pode ser vista como uma metáfora do processo de autodescoberta [...] o processo de integrar o consciente e o inconsciente para formar uma identidade coesa” (PELÚCIO, 2025). Essa hipótese se articula tanto com a performatividade simbólica do discurso de Bourdieu (1989) quanto com mecanismos de ancoragem e objetivação descritos pela Teoria das Representações Sociais para Moscovici (2003).

No texto “O que é o Sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas”, a leitura preliminar indicou a presença de um enquadramento moral binário, no qual a chamada “sensibilidade moderna” é associada à decadência, à perda de firmeza de caráter e à deterioração dos valores tradicionais. Esse discurso assume uma função prescritiva, apresentando como solução o retorno a uma ética autorreguladora e conservadora, alinhada a mecanismos de identificação coletiva e de reforço identitário. Tal perspectiva pode ser observada quando o texto afirma que “quando essas emoções saem do campo da normalidade e começam a ser expressas de maneira exagerada, e quando a cultura passa a formar cidadãos exageradamente emotivos e sensíveis, surge o fenômeno do sentimentalismo” (BRASIL PARALELO, 2024). Nessa fase exploratória, tornou-se evidente que ambos os textos não apenas comentam fenômenos psicológicos, mas buscam orientar interpretações sobre a realidade, aproximando-se mais de um modelo de direção de consciência do que de uma abordagem informativa ou científica.

No texto “Como ser uma pessoa mais madura? Veja mais de 20 dicas de psicólogos e especialistas renomados”, a leitura inicial revelou a predominância de um discurso prescritivo, ancorado em referências filosóficas, religiosas e psicológicas, apresentadas de forma articulada, porém sem delimitação clara entre campos do saber. Conforme podemos verificar na seguinte passagem: “Aristóteles afirmava que cada ação do ser humano visa a felicidade; contudo, para atingir a realização pessoal e não se frustrar no caminho, as atitudes precisam ser tomadas

com cuidado e com virtudes” (BRASIL PARALELO, 2025).

Assim como observado em outros textos do corpus, o artigo mobiliza autoridades simbólicas, Aristóteles, Dom Rafael Llano Cifuentes e Jordan Peterson, como forma de legitimar o conteúdo, recorrendo a citações extensas que operam mais como recurso retórico do que como fundamento teórico sistematizado.

Seguindo, no texto “O que está por trás do Project December? A IA que afirma ‘reviver’ mortos”, a leitura revela uma narrativa fortemente ancorada em casos exemplares, sobretudo a história de Joshua Barbeau e da simulação de sua noiva falecida. Conforme descrito no próprio texto, “o caso mais famoso foi o de Joshua Barbeau, um escritor que usou o Project December para criar uma versão virtual de sua noiva, Jessica, morta em 2012. Alimentando o sistema com mensagens antigas e informações pessoais, ele conseguiu dialogar com uma simulação dela” (BRASIL PARALELO, 2025). Esse recurso narrativo cumpre uma função central na construção do sentido do texto, operando como unidade de contexto que orienta a recepção emocional do leitor. O relato pessoal do luto e do sofrimento é mobilizado como elemento legitimador da relevância do tema, aproximando o fenômeno tecnológico de experiências humanas universais, como a perda e a dor.

Por fim, em “Desenvolvimento pessoal - veja dicas para atingir o seu maior potencial”, nesta fase de pré-análise, a leitura flutuante evidenciou um padrão discursivo característico dos conteúdos da Brasil Paralelo: a articulação entre autores consagrados da tradição filosófica e psicológica (como Aristóteles, Viktor Frankl, Hipócrates e Santo Irineu de Lyon) e recomendações práticas de cunho motivacional. Essa combinação confere ao texto uma aparência de fundamentação erudita, ao mesmo tempo em que orienta o leitor para uma interpretação individualizante do desenvolvimento humano.

Um trecho representativo dessa construção discursiva aparece quando o texto afirma:

[...] Para o filósofo da Patrística Santo Irineu de Lyon, o ser humano não foi criado nem perfeito nem imperfeito, mas perfectível. Dia após dia, os atos de cada pessoa fazem com que ela desenvolva ou piore sua história de vida. Para alcançar a melhor versão de si mesmo, diversos pensadores desenvolveram técnicas e pensamentos sobre o desenvolvimento pessoal. (BRASIL PARALELO, 2024)

Nesse fragmento observa-se a mobilização de referências filosóficas e

religiosas para sustentar uma narrativa que associa o desenvolvimento humano a um percurso individual de aperfeiçoamento moral e psicológico. A estratégia discursiva aproxima diferentes tradições intelectuais, construindo uma continuidade simbólica entre filosofia clássica, religião e psicologia contemporânea. Tal articulação reforça uma representação do sujeito como responsável por conduzir seu próprio processo de realização, deslocando o foco de possíveis condicionantes sociais ou estruturais para o campo da responsabilidade individual.

Essas hipóteses iniciais orientaram a etapa seguinte, permitindo direcionar a exploração para elementos discursivos, simbólicos e ideológicos que estruturam as narrativas analisadas. Conforme proposto pela metodologia de análise de conteúdo sistematizada por Bardin (2011), a pré-análise constitui o momento de organização do corpus e formulação das primeiras inferências interpretativas. A partir dessas observações preliminares, torna-se possível avançar para a fase de tratamento dos resultados e interpretação, na qual as categorias analíticas são examinadas de forma mais sistemática à luz da teoria das representações sociais de Moscovici (2003) e dos referenciais da Ciência da Informação.

5.2 Tratamento dos resultados e interpretação

Após a categorização das unidades de contexto e de registro, os dados foram organizados e interpretados em diálogo com o referencial teórico. No primeiro texto, verificou-se a utilização de metáforas literárias e imagens heroicas como operadores simbólicos de construção de sentido. A protagonista Alice funciona como figura de identificação por objetivação de Moscovici (2003), transformando estados emocionais complexos em personagens e obstáculos visualmente identificáveis. Do ponto de vista psicológico, essa escolha reforça a ideia de que o enfrentamento do sofrimento emocional é individual e moral, deslocando o problema de esferas sociais ou estruturais para a interioridade subjetiva do sujeito. O discurso, portanto, cria uma representação que naturaliza o autocontrole como solução universal, alinhando-se à lógica neoliberal de responsabilização individual pelo próprio bem-estar.

Ao mesmo tempo, a narrativa opera por ancoragem: os leitores são convidados a interpretar questões emocionais por meio de estruturas simbólicas

familiares, o herói, o inimigo, a batalha, a superação, o que facilita tanto a aceitação quanto a circulação do discurso. Nesse sentido, a análise revela que o texto não atua apenas como reflexão psicológica, mas como circulação de uma representação social que orienta uma visão de mundo coerente com o ethos moral da Brasil Paralelo, que seria o conjunto de valores morais que orientam o discurso da organização, reforçando a centralidade do protagonismo individual, da meritocracia emocional e da ideia de que fracassos e sofrimentos decorrem de falhas pessoais de postura ou caráter.

O segundo texto apresenta dinâmica semelhante, porém operando em outra chave simbólica. Aqui, o objetivo não é interpretar a experiência subjetiva a partir de imagens narrativas, mas construir um enquadramento dicotômico entre dois modos de vida: o sentimentalismo moderno e a disciplina moral tradicional. O argumento se desenvolve por comparação valorativa, atribuindo ao primeiro uma série de características negativas, fraqueza, fragilidade, permissividade, deterioração da vontade, e ao segundo virtudes como força, estabilidade e maturidade. Em termos discursivos, o texto utiliza uma estrutura típica de polarização moral, que simplifica a complexidade social em um conflito entre certo e errado, elevando o retorno a valores tradicionais ao status de solução evidente.

Aqui também se identificou o processo de formação de representações sociais. Ao tratar tendências contemporâneas de saúde mental, como aumento de ansiedade, depressão ou maior exposição emocional no espaço público, o texto as reinsere em categorias simbólicas preexistentes, como “colapso moral”, “crise de caráter” ou “decadência cultural”. Essa operação discursiva transforma fenômenos psicológicos e sociais em evidências de uma disputa moral e civilizacional, o que facilita sua circulação como narrativa política e identitária.

Em ambos os textos, observou-se que a argumentação não se desenvolve como análise científica, mas como discurso prescritivo, orientado ao reforço de determinada visão de mundo. Sob a perspectiva da Ciência da Informação, esse movimento revela o papel estratégico da informação como elemento de produção simbólica da realidade, situado por Floridi (2010), configurando-se não apenas como descrição de fatos, mas como construção performativa capaz de moldar percepções, valores e comportamentos. Para Moscovici (2003), à luz da Psicologia Social, demonstra-se que o poder de persuasão desses conteúdos não depende da validade objetiva das interpretações, mas de seu alinhamento afetivo e identitário

com as crenças previamente cristalizadas nos leitores.

O terceiro texto, intitulado “Desenvolvimento pessoal – veja dicas para atingir o seu maior potencial”, desloca o discurso psicológico para o campo do aperfeiçoamento individual, articulando referências filosóficas clássicas e contemporâneas como Aristóteles, Viktor Frankl e Hipócrates para sustentar uma narrativa de autogestão da vida. A noção de “desenvolvimento pessoal” é apresentada como um percurso moral e teleológico, no qual cada indivíduo é responsável por identificar sua vocação, disciplinar seus hábitos e harmonizar corpo, alma e espírito. Do ponto de vista da Psicologia Social, observa-se uma forte operação de objetivação, conceito muito abordado por Moscovici (2003), pela qual conceitos complexos como felicidade, realização e saúde psíquica são simplificados em práticas individuais concretas — exercício físico, autoconhecimento, escolhas profissionais e disciplina cotidiana.

Essa construção discursiva promove uma leitura normatizada da subjetividade, em que o bem-estar aparece como resultado direto de escolhas corretas e esforço pessoal contínuo. Aspectos estruturais, sociais ou econômicos que atravessam a possibilidade de realização subjetiva permanecem ausentes, reforçando o deslocamento da responsabilidade pelo sofrimento para o indivíduo. Sob essa perspectiva, o texto contribui para a consolidação de uma representação social alinhada à lógica neoliberal do desempenho, na qual saúde, felicidade e sucesso são concebidos como capitais individuais a serem continuamente aprimorados. A informação psicológica, nesse caso, opera menos como conhecimento científico e mais como discurso prescritivo, orientado à regulação moral dos modos de vida.

O quarto texto, “Como ser uma pessoa mais madura? Veja mais de 20 dicas de psicólogos e especialistas renomados”, aprofunda esse movimento ao associar maturidade psicológica à assunção de responsabilidades, disciplina moral e autocontrole emocional. A maturidade é apresentada como um ideal normativo, sustentado por referências religiosas, filosóficas e pela psicologia popular contemporânea, sobretudo a partir das formulações de Jordan Peterson. Discursivamente, o texto constrói um modelo dicotômico entre maturidade e imaturidade, no qual comportamentos emocionalmente expressivos, fragilidade ou sofrimento psíquico tendem a ser associados à falha individual ou à recusa da responsabilidade.

Essa polarização moral simplifica fenômenos psicológicos complexos, convertendo-os em categorias avaliativas facilmente reconhecíveis. Problemas emocionais, conflitos relacionais ou dificuldades no desenvolvimento subjetivo são reinterpretados como déficits de caráter, vontade ou postura diante da vida. Nesse processo de ancoragem, também pensado por Abric (1998), a linguagem psicológica é instrumentalizada para reforçar valores tradicionais de ordem, hierarquia e autocontenção, transformando a maturidade em um marcador identitário e moral. A análise evidencia, assim, que o texto mobiliza a Psicologia menos como campo científico e mais como repertório simbólico legitimador de uma determinada visão de mundo.

O quinto texto, “O que está por trás do *Project December*? A IA que afirma ‘reviver’ mortos”, aparentemente desloca o foco temático para o campo tecnológico, mas mantém coerência com o mesmo ethos discursivo ao tratar o avanço das inteligências artificiais sob uma chave moral e civilizatória. Embora apresente dados, relatos e descrições técnicas sobre o funcionamento da tecnologia, o texto enfatiza seus riscos éticos, psicológicos e existenciais, recorrendo à ideia de “necromancia digital” como operador simbólico central. Essa metáfora funciona como mecanismo de objetivação, transformando uma tecnologia complexa em uma figura carregada de significados morais e afetivos, facilmente assimilável pelo senso comum.

Do ponto de vista informacional, observa-se que o discurso combina elementos factuais com enquadramentos valorativos, produzindo uma narrativa que sugere implicitamente a transgressão de limites naturais e morais pelo avanço tecnológico. O sofrimento psíquico de usuários, como no caso de Joshua Barbeau, é mobilizado para reforçar uma leitura de perigo e desordem, sem aprofundar debates científicos ou psicológicos sobre luto, vínculo simbólico ou mediação tecnológica do afeto. Sob a ótica da Ciência da Informação, com estudos de Floridi (2010), o texto exemplifica o uso estratégico da informação como construção simbólica da realidade, na qual dados técnicos são organizados para sustentar uma interpretação moralizante do progresso tecnológico, alinhada a preocupações identitárias e culturais mais amplas.

Considerados em conjunto, os cinco textos analisados revelam um padrão recorrente de produção informacional na Brasil Paralelo: a mobilização de discursos psicológicos, filosóficos e tecnológicos como instrumentos de orientação moral e construção de representações sociais. Independentemente do tema específico,

sofrimento emocional, maturidade, desenvolvimento pessoal ou inteligência artificial, observa-se a centralidade da responsabilização individual, da normatização da subjetividade e da leitura moralizante dos fenômenos sociais. A informação, nesse contexto, atua simultaneamente como recurso cognitivo e dispositivo simbólico, articulando emoção, identidade e narrativa para reforçar determinadas formas de perceber e interpretar a realidade social.

A partir da organização do corpus e da definição das categorias analíticas, conforme a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011), elaborou-se um quadro de categorização com o objetivo de sistematizar os elementos empíricos identificados nos textos analisados. O quadro apresenta as categorias e subcategorias construídas, bem como suas respectivas unidades de registro, unidades de contexto e indicadores analíticos, permitindo maior rigor na interpretação dos dados.

Quadro 6: Categorias analíticas, unidades de registro e indicadores

Categoria	Subcategorias	Unidades de registro	Unidades de contexto	Indicadores
Responsabilização individual da subjetividade	Autocontrole emocional; maturidade como dever moral; desenvolvimento pessoal como obrigação	Termos como “responsabilidade”, “disciplina”, “controle”, “virtude”, “esforço individual”	Trechos que associam sofrimento psíquico a falhas individuais ou ausência de postura adequada	Presença de discursos normativos que individualizam problemas sociais e psicológicos
Moralização dos fenômenos psicológicos	Dicotomias (maduro/imaturo; forte/fraco); decadência moral; valorização de tradições	Expressões como “fraqueza”, “decadência”, “valores”, “caráter”, “virtude”	Passagens que classificam comportamentos e emoções em termos morais	Construção de julgamentos normativos sobre experiências subjetivas
Uso de autoridades simbólicas	Referências filosóficas; religiosas; psicológicas	Nomes de autores e figuras de autoridade	Trechos que utilizam citações para legitimar argumentos	Uso retórico de autoridade como estratégia de validação discursiva
Apelo emocional e narrativo	Relatos pessoais; metáforas;	Narrativas de sofrimento, histórias	Trechos que mobilizam emoções para	Intensificação da adesão subjetiva por

	construção de identificação	exemplares, figuras simbólicas	engajar o leitor	meio de identificação afetiva
Simplificação e polarização discursiva	Oposição binária; redução da complexidade; soluções simplificadas	Termos dicotômicos e generalizações	Trechos que apresentam explicações únicas ou reducionistas	Construção de narrativas polarizadas e de fácil assimilação

Fonte: Elaboração própria a partir de Bardin (2011) e dos dados da pesquisa.

Ainda, para fim de sistematizar os principais resultados obtidos na análise, o Quadro 7 apresenta uma síntese dos textos examinados, destacando a argumentação central, bem como os mecanismos de objetivação e ancoragem que estruturam a produção de representações sociais nos conteúdos analisados.

Quadro 7: Síntese da análise das representações sociais nos textos da Brasil Paralelo

Texto analisado	Argumentação central	Mecanismo de objetivação	Mecanismo de ancoragem	Representação social produzida
Conheça os personagens de Alice no País das Maravilhas: uma jornada psicológica e simbólica	Utiliza metáforas literárias e imagens heroicas para explicar estados emocionais e processos psicológicos.	Estados emocionais complexos transformados em personagens e obstáculos narrativos (Alice, inimigos, jornada).	Experiência emocional ancorada em arquétipos narrativos familiares: herói, batalha, superação.	Sofrimento psicológico interpretado como desafio individual que deve ser superado por autocontrole e postura moral.
O que é o sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas	Constrói oposição moral entre sentimentalismo moderno e disciplina moral tradicional.	Emoções contemporâneas convertidas em sinais de fraqueza ou decadência moral.	Fenômenos psicológicos contemporâneos associados a categorias tradicionais como “crise de caráter” ou “decadência cultural”.	Problemas emocionais interpretados como evidência de deterioração moral e cultural.

Desenvolvimento pessoal – veja dicas para atingir o seu maior potencial	Apresenta o desenvolvimento pessoal como percurso moral e teleológico de autogestão da vida.	Conceitos abstratos como felicidade e realização convertidos em práticas individuais concretas (disciplina, exercício, autoconhecimento).	Ideias psicológicas conectadas a tradições filosóficas e religiosas (Aristóteles, Frankl, Hipócrates).	Bem-estar e sucesso interpretados como resultado direto do esforço e da disciplina individual.
Como ser uma pessoa mais madura? Veja mais de 20 dicas de psicólogos e especialistas renomados	Define maturidade como responsabilidade individual, autocontrole emocional e disciplina moral.	Maturidade e imaturidade transformadas em categorias comportamentais normativas.	Psicologia popular vinculada a valores tradicionais de ordem, hierarquia e responsabilidade.	Maturidade psicológica interpretada como marcador moral de caráter e responsabilidade individual.
O que está por trás do Project December? A IA que afirma “reviver” mortos	Discute o avanço da IA a partir de enquadramento moral e civilizatório.	Tecnologia complexa representada pela metáfora de “necromancia digital”.	Debate tecnológico associado a preocupações morais e culturais sobre limites da vida e da morte.	Inovação tecnológica interpretada como potencial ameaça ética e psicológica à ordem social.

Fonte: Elaboração própria a partir da análise de textos da Brasil Paralelo.

A síntese apresentada no Quadro 7 permite observar, de forma sistematizada, a recorrência de determinados padrões discursivos nos textos analisados. Apesar de abordarem temas distintos como literatura, saúde emocional, desenvolvimento pessoal, maturidade psicológica e inteligência artificial, os conteúdos convergem na mobilização de mecanismos semelhantes de construção de sentido, especialmente os processos de objetivação e ancoragem descritos por Moscovici (2003). Em todos os casos, conceitos complexos são traduzidos em imagens simbólicas, metáforas ou categorias morais facilmente assimiláveis pelo senso comum, enquanto fenômenos contemporâneos são reinterpretados à luz de referenciais culturais e valorativos previamente consolidados. Essa dinâmica evidencia que os textos não operam

apenas como produção informativa, mas como dispositivos de circulação de representações sociais, organizando percepções sobre subjetividade, sofrimento, tecnologia e comportamento humano. Sob a perspectiva metodológica da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), tais recorrências permitem identificar um padrão interpretativo relativamente estável no corpus analisado, no qual discursos psicológicos e filosóficos são mobilizados como instrumentos de orientação moral e de construção de uma determinada visão de mundo.

Dessa forma, a análise evidencia que a informação, nesse contexto, atua simultaneamente como recurso cognitivo e mecanismo simbólico de produção de sentido social, reforçando valores e interpretações que orientam a maneira como os fenômenos psicológicos e culturais são compreendidos e compartilhados no espaço informacional.

5.3 Discussão dos resultados

A análise conjunta dos cinco textos da plataforma Brasil Paralelo evidencia a atuação de um mesmo padrão discursivo, independentemente do tema abordado — seja sofrimento emocional, desenvolvimento pessoal, maturidade psicológica ou avanço tecnológico. Em todos os casos, observa-se uma lógica de produção simbólica do real que ultrapassa a função informativa e se insere diretamente no campo da disputa narrativa por sentidos, característica central do cenário contemporâneo da pós-verdade. Como aponta D’Ancona (2018), nesse contexto, a eficácia de uma informação não depende prioritariamente de sua aderência aos critérios de veracidade factual, mas de sua capacidade de mobilizar afetos, identidades e valores compartilhados por determinados públicos.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, os resultados confirmam a concepção de Floridi (2010), segundo a qual a informação não atua apenas como descrição da realidade, mas como elemento constitutivo dela. Os textos analisados não apenas comunicam conteúdos psicológicos, filosóficos ou tecnológicos; eles organizam interpretações possíveis do mundo, orientam percepções sobre sofrimento, responsabilidade, maturidade e progresso, e oferecem chaves simbólicas para a compreensão da experiência contemporânea. Trata-se, portanto,

de uma prática informacional performativa, capaz de moldar representações sociais e afetar diretamente os modos pelos quais os indivíduos interpretam a si mesmos e a sociedade.

Essa performatividade informacional se expressa de forma consistente na maneira como os cinco textos convergem na responsabilização individual como eixo explicativo central. Nos textos sobre desenvolvimento pessoal e maturidade, o sofrimento psíquico, a frustração ou a sensação de vazio são apresentados como resultados de escolhas inadequadas, falhas de disciplina, ausência de virtudes ou recusa da responsabilidade. Já nos textos de natureza mais narrativa ou tecnológica, como o caso do *Project December* ou da alegoria de “Alice”, problemas emocionais e existenciais são traduzidos em batalhas internas, dilemas morais ou riscos civilizatórios, reforçando a ideia de que a solução reside na força interior, no autocontrole ou na retomada de valores considerados tradicionais.

Sob a perspectiva da Psicologia Social, esse movimento discursivo pode ser compreendido a partir da teoria das Representações Sociais. Segundo Abric (1998) os textos analisados operam sistematicamente por meio dos mecanismos de objetivação e ancoragem. Conceitos complexos e multifatoriais, como ansiedade, depressão, luto, amadurecimento psicológico ou impacto das tecnologias digitais, são objetivados em figuras simbólicas simples e altamente reconhecíveis: o herói que enfrenta seus demônios, o indivíduo disciplinado e responsável, o sujeito moralmente forte em oposição ao sentimentalismo, ou a tecnologia vista como ameaça à ordem natural. Ao mesmo tempo, essas figuras são ancoradas em sistemas de valores já estabilizados no imaginário conservador, como mérito individual, autocontenção emocional, hierarquia moral e crítica às transformações culturais contemporâneas.

Esse processo de simplificação simbólica favorece a circulação e a aceitação das mensagens, pois reduz a complexidade social a explicações moralmente inteligíveis e afetivamente confortáveis. Entretanto, é exatamente nesse ponto que a análise indica a aproximação desses discursos com formas sofisticadas de desinformação. Conforme argumentam Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação contemporânea não se caracteriza apenas pela difusão de conteúdos factualmente falsos, mas pela reorganização seletiva da realidade, na qual determinadas dimensões são enfatizadas enquanto outras, especialmente sociais, históricas e estruturais, são sistematicamente omitidas. Nos textos analisados,

fatores como desigualdade social, precarização do trabalho, transformações nas relações afetivas, sobrecarga produtiva e crises institucionais permanecem ausentes ou secundarizados, sendo substituídos por explicações centradas na moral individual.

Segundo Rêgo (2023), essa estratégia discursiva dialoga diretamente com o contexto da pós-verdade, no qual informações que confirmam crenças prévias e identidades coletivas tendem a ser mais persuasivas que análises complexas ou contraditórias. Ao associar sofrimento psíquico à “fraqueza moral”, à “falta de maturidade” ou ao “excesso de sentimentalismo”, os textos da Brasil Paralelo não apenas oferecem interpretações, mas reafirmam pertencimentos simbólicos, produzindo reconhecimento afetivo entre leitores que já compartilham tais visões de mundo. A informação, nesse caso, atua como marcador identitário, reforçando fronteiras simbólicas entre “nós” e “eles”, entre os “fortes” e os “fracos”, entre os que aderem e os que resistem aos valores propostos.

Sob essa ótica, os conteúdos analisados funcionam como dispositivos de subjetivação, nos termos discutidos por Bourdieu (1997), ao moldar disposições, crenças e formas legítimas de interpretar o sofrimento e a responsabilidade. A recepção dessas mensagens não ocorre de forma neutra ou passiva, mas é mediada por habitus, experiências sociais e demandas identitárias. Esse aspecto ajuda a compreender por que discursos que não atendem aos critérios de validação científica podem adquirir estatuto de verdade psicossocial para determinados públicos, reforçando sentimentos de coerência interna, sentido existencial e orientação moral.

Os resultados também evidenciam a consonância destes discursos com uma lógica neoliberal de subjetividade, conforme analisado por Illouz e Cabanas (2019). Ao deslocar o sofrimento para o plano da escolha individual e da postura moral, os textos despolitizam experiências que têm raízes estruturais e coletivas. Problemas sociais passam a ser vividos como falhas pessoais, e a adaptação emocional do sujeito torna-se mais valorizada do que a crítica às condições que produzem o adoecimento. Nesse modelo, cabe ao indivíduo fortalecer-se, amadurecer e ajustar-se, enquanto as estruturas sociais permanecem inquestionáveis.

Dessa forma, a discussão dos resultados aponta que os cinco textos analisados não atuam isoladamente, mas compõem um ecossistema discursivo coerente, no qual a Psicologia, a Filosofia e a Tecnologia são mobilizadas como

repertórios simbólicos para sustentar uma narrativa moralizante, individualizante e ideologicamente situada. Do ponto de vista da Ciência da Informação, trata-se de um exemplo expressivo das disputas informacionais contemporâneas, nas quais a construção da realidade social e das subjetividades ocorre por meio da circulação de narrativas afetivamente potentes, capazes de converter informação em instrumento de orientação moral, política e identitária.

Dessa forma, a análise dos cinco textos permite afirmar que a inter-relação entre Ciência da Informação e Psicologia Social constitui um aporte analítico fundamental para a identificação de desinformação em conteúdos aparentemente legítimos, mas simbolicamente orientados. Enquanto a Ciência da Informação fornece ferramentas para compreender os regimes de circulação, intencionalidade e performatividade da informação, a Psicologia Social possibilita compreender os processos de formação de sentidos, adesão afetiva e naturalização de representações. Essa articulação responde plenamente ao objetivo central da pesquisa, demonstrando que a desinformação contemporânea exige abordagens que ultrapassem o critério da verificação factual e incorporem a dimensão simbólica, discursiva e psicossocial da informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste estudo permite compreender com maior profundidade como a plataforma Brasil Paralelo se insere em um ecossistema informacional muito mais amplo, caracterizado pela circulação intensa de desinformação digital, na qual as *fake news* ocupam um papel central e estratégico enquanto dispositivos discursivos. É importante destacar, neste momento, que ao longo do trabalho os termos “desinformação” e “*fake news*” foram utilizados frequentemente de forma quase intercambiável, em função do objeto empírico analisado, os conteúdos produzidos pela Brasil Paralelo que apresentam características típicas de ambos os fenômenos. Contudo, é fundamental esclarecer que as *fake news* configuram uma categoria específica dentro do campo mais abrangente que é a desinformação. Conforme destacam Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação compreende um conjunto diverso de práticas comunicacionais, que vão desde a fabricação intencional de notícias falsas (*fake news* propriamente ditas) até conteúdos enganosos, mal contextualizados ou mesmo manipulados. O impacto destes conteúdos não se dá exclusivamente pela veracidade dos fatos apresentados, mas também e principalmente pela forma como eles circulam e são recepcionados em ambientes sociotécnicos específicos.

À luz do objetivo geral deste estudo — compreender como se opera a inter-relação entre a Ciência da Informação e a Psicologia Social na identificação de *fake news* e de desinformação em conteúdos da Brasil Paralelo relacionados à psicologia —, os resultados obtidos demonstram que essa articulação teórica é não apenas pertinente, mas necessária para apreender a complexidade dos fenômenos analisados. A análise evidencia que a desinformação, nesses conteúdos, não se manifesta majoritariamente na forma de falsidade factual explícita, mas como operação simbólica que reorganiza sentidos, valores e percepções sobre a subjetividade humana.

No que se refere ao primeiro objetivo específico, de mapear as estratégias discursivas presentes nos textos analisados, observou-se a recorrência de narrativas moralizantes, dicotomias valorativas, metáforas heroicas e enquadramentos prescritivos, que funcionam como dispositivos de simplificação da experiência

psicológica. Tais estratégias deslocam fenômenos complexos para explicações centradas na responsabilidade individual, oferecendo soluções normativas e afetivamente sedutoras, em detrimento de análises sociais, históricas ou estruturais. Esse mapeamento evidencia que o discurso informacional da Brasil Paralelo se estrutura mais como orientação moral e identitária do que como produção de conhecimento psicológico no sentido científico.

Em relação ao segundo objetivo específico, de identificar as representações sociais mobilizadas, a análise demonstrou que os textos ativam e reforçam representações já cristalizadas no imaginário conservador, como a associação entre sofrimento psíquico e fraqueza moral, maturidade e assunção de responsabilidades, ou progresso tecnológico e ameaça civilizatória. Por meio dos mecanismos de objetivação e ancoragem, conceitos abstratos e experiências subjetivas são traduzidos em imagens simbólicas simples, amplamente reconhecíveis e emocionalmente carregadas, o que favorece sua circulação e legitimação no senso comum.

Quanto ao terceiro objetivo específico, de discutir os impactos dessas estratégias na construção do pensamento social e na percepção da subjetividade, os resultados indicam que tais discursos contribuem para a consolidação de uma leitura individualizante e despolitizada do sofrimento. Ao reduzir experiências coletivas e estruturais a falhas pessoais de conduta, caráter ou disciplina emocional, os conteúdos analisados reforçam um modelo de subjetividade alinhado à lógica neoliberal, no qual o indivíduo é responsabilizado integralmente por seu bem-estar e por sua adaptação às demandas contemporâneas. Esse enquadramento tem implicações diretas na forma como os sujeitos compreendem a si mesmos, os outros e os fenômenos psicológicos, influenciando percepções, julgamentos morais e posicionamentos políticos.

Quanto ao quarto objetivo específico, de contribuir para a leitura crítica e identificação de desinformação em conteúdos sobre psicologia nas mídias sociais, os resultados evidenciam a importância de desenvolver estratégias analíticas que permitam aos sujeitos reconhecerem elementos característicos de conteúdos desinformativos, como simplificações excessivas, apelos individualizantes e ausência de embasamento científico. A pesquisa, ao articular referenciais da Psicologia Social e da Ciência da Informação, oferece subsídios teóricos e interpretativos que favorecem uma postura mais crítica diante dessas produções,

contribuindo para a problematização de discursos naturalizados e para o fortalecimento de práticas informacionais mais conscientes.

Os resultados evidenciaram que os textos analisados recorrem a diferentes estratégias discursivas para produzir interpretações sobre a experiência subjetiva contemporânea. Entre essas estratégias destacam-se o uso de metáforas narrativas, referências filosóficas e religiosas, dicotomias morais e enquadramentos valorativos de fenômenos sociais e tecnológicos. Tais recursos operam por meio dos mecanismos de objetivação e ancoragem descritos por Moscovici, transformando conceitos psicológicos complexos em imagens simbólicas e categorias moralmente inteligíveis para o público.

Sob essa perspectiva, a desinformação que circula dentro dessa estrutura discursiva não devem ser entendidas como conteúdos falsos isolados e desconectados, mas sim como peças integrantes de um projeto mais amplo de construção discursiva intencionalmente enviesada, que visa consolidar sentidos e posicionamentos específicos na esfera pública. Essa dimensão estratégica é fundamental para compreender o poder e o alcance da desinformação, pois ela não opera apenas no nível da falsidade factual, mas principalmente na manipulação dos processos simbólicos de sentido.

Outro elemento crucial para a compreensão do fenômeno é o papel desempenhado pelas plataformas digitais e seus algoritmos, que configuram e moldam o consumo informacional segundo critérios de engajamento afetivo e emocional.

A análise revelou também que, independentemente do tema abordado, sofrimento emocional, maturidade psicológica, desenvolvimento pessoal ou inteligência artificial, os textos convergem na construção de uma representação social que privilegia a responsabilização individual pelo bem-estar e pelo sofrimento. Nesse contexto, questões subjetivas são frequentemente interpretadas como resultado de escolhas, disciplina ou postura moral, enquanto fatores sociais, econômicos e estruturais tendem a permanecer em segundo plano.

Como vimos, sob a perspectiva da Ciência da Informação, esse movimento evidencia que a informação não atua apenas como transmissão de conhecimento, mas também como dispositivo simbólico de produção de realidade. Os conteúdos analisados demonstram como discursos psicológicos podem ser mobilizados para orientar percepções, valores e interpretações sobre o comportamento humano,

contribuindo para a circulação de determinadas visões de mundo no espaço informacional digital.

No contexto brasileiro, marcado por profundas desigualdades sociais, polarização política e intensa mediação das relações sociais por plataformas digitais, os resultados desta pesquisa evidenciam como a desinformação não apenas circula, mas se enraíza em estruturas simbólicas já existentes no imaginário coletivo. Nesse cenário, as representações sociais identificadas apontam para a predominância de uma lógica interpretativa que individualiza experiências subjetivas, deslocando o sofrimento psíquico e as dificuldades contemporâneas para o campo da responsabilidade pessoal, em detrimento de suas determinações históricas, sociais e econômicas. Tal achado é particularmente relevante no Brasil, onde discursos meritocráticos e moralizantes encontram forte ressonância cultural. A partir disso, os resultados podem ser aproveitados tanto no campo acadêmico quanto na formulação de estratégias de enfrentamento à desinformação, contribuindo para o desenvolvimento de práticas de educação midiática e informacional mais críticas, que considerem não apenas a veracidade dos conteúdos, mas também os modos como sentidos são produzidos e compartilhados. Além disso, a articulação entre Ciência da Informação e Psicologia Social demonstrada neste estudo oferece subsídios para a atuação de profissionais da educação, da saúde mental e da comunicação, no sentido de promover leituras mais contextualizadas e menos individualizantes dos fenômenos subjetivos, tensionando as representações sociais hegemônicas e ampliando as possibilidades de compreensão da experiência humana no ambiente digital.

Entretanto, é importante reconhecer algumas limitações deste trabalho. O corpus analisado foi composto por cinco textos de uma única categoria temática do portal, o que restringe a generalização dos resultados. Além disso, a pesquisa concentrou-se na análise discursiva dos conteúdos publicados, não contemplando a recepção e a interpretação desses materiais pelos leitores.

Diante disso, estudos futuros podem ampliar o corpus analisado, investigar outras seções da plataforma ou explorar metodologias que permitam compreender como essas narrativas são apropriadas pelo público. Investigações que articulem análise informacional, estudos de mídia e psicologia social podem contribuir para aprofundar a compreensão dos processos pelos quais discursos psicológicos circulam e adquirem significado no contexto da cultura digital contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J.-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: ABRIC, J.-C. (org.). **Práticas sociais e representações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 27–38.

ALCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 12 out. 2025.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANCIB, 2009. p. 92-93. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277162051_MEDIACAO_DA_INFORMACAO_O_E_MULTIPLAS_LINGUAGENS. Acesso em: 12 jan. 2026.

AMORIM, L. Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser "a Disney brasileira". **Exame**, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/> Acesso em: 13 fev. 2025.

ARAÚJO, C. A. Á. Dinâmicas da desinformação. **Páginas A&B: Arquivos e Bibliotecas**, n. especial VI, p. 31-52, 2024. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/14005>. Acesso em: 24 fev. 2026.

ARAÚJO, C. A. Á. Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/7454517/Fundamentos_da_ci%C3%Aancia_da_informacao_correntes_teoricas_e_o_conceito_de_informacao. Acesso em: 2 mar. 2026.

ARAÚJO, C. A. Á. Infodemia, desinformação, pós-verdade: o desafio de conceituar os fenômenos envolvidos com os novos regimes de informação. **The International Review of Information Ethics**, v. 30, n. 1, 2021. DOI: 10.29173/irie405. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/405>. Acesso em: 12 fev. 2026.

ARAÚJO, C. A. Á. Integridade da informação: um possível novo conceito para o estudo da desinformação. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 92, p. 217–234, 2025. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9855286.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2026.

ARAÚJO, C. A. Á. O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. **Alceu**, v. 21, n. 41, p. 35-48, 2020. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/79/82>. Acesso em: 6 mar. 2026.

ARAÚJO, C. A. Ávila. O que é ciência da informação?. **Informação & Informação**,

Londrina, v. 19, n. 1, p. 1–30, 2014. DOI:
<https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n1p01>

AULER, M. 1989: eleição sem fake news, mas “armações” contra Lula. **Blog do Marcelo Auler**, Rio de Janeiro, 13 dez. 2019. Disponível em:
<https://marceloauler.com.br/1989-eleicao-sem-fake-news-mas-armacoes-contralula/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

BAKIR, V.; MCSTAY, A. Fake news and the economy of emotions: problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 154–175, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BRASIL. Agência Brasil. **Brasil lidera desinformação sobre vacina na América Latina, diz estudo**. São Paulo, 17 out. 2025. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2025-10/brasil-lidera-desinformacao-sobre-vacina-na-america-latina-diz-estudo>. Acesso em: 1 mar. 2026.

BRASIL PARALELO. **Brasil Paralelo**. Disponível em:
<https://www.brasilparalelo.com.br>. Acesso em: 8 out. 2025.

BRASIL PARALELO. **Como ser uma pessoa mais madura? Veja mais de 20 dicas de psicólogos e especialistas renomados**. Brasil Paralelo, 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/como-ser-uma-pessoa-mais-madura>. Acesso em: 17 out. 2025..

BRASIL PARALELO. **Desenvolvimento pessoal: veja dicas para atingir o seu maior potencial**. Brasil Paralelo, 2024. Disponível em:
<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/desenvolvimento-pessoal-veja-dicas-para-atingir-o-seu-maior-potencial>. Acesso em: 17 out. 2025.

BRASIL PARALELO. **O que é o sentimentalismo? Entenda como isso pode facilitar a manipulação das pessoas**. Brasil Paralelo, 2024. Disponível em:
<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-o-sentimentalismo>. Acesso em: 16 out. 2025.

BRASIL PARALELO. **O que está por trás do Project December? A IA que afirma “reviver” mortos**. Brasil Paralelo, 2025. Disponível em:
<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-esta-por-tras-do-project-december-a-ia-que-afirma-reviver-mortos>. Acesso em: 16 out. 2025.

BRASIL PARALELO. **Sobre nós: o que é a Brasil Paralelo?**. Brasil Paralelo, 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>. Acesso em: 16 out. 2025.

BRISOLA, A. C.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 19., 2018, Londrina. Anais [...]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/102819>. Acesso em: 5 fev. 2026.

BRUNER, J. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2003. Disponível em: <https://enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--231.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2026.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148–163, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CHARRONE, J. P. O projeto de nação brasileira entre a “cruz e a espada” da Brasil Paralelo. **História**, v. 43, n. 83, p. 8–45, 2024.

CINELLI, M.; QUATTROCIOCCHI, W.; GALEAZZI, A.; VALENSISE, C. M.; BRUGNOLI, E.; SCHMIDT, A. L.; ZOLA, P.; ZOLLO, F.; SCALA, A. The COVID-19 social media infodemic. **Scientific Reports**, [S. l.], v. 10, art. 16598, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-020-73510-5>. Acesso em: 23 ago. 2025.

CITELLI, A. **Infoespetáculo e indústria cultural: novas formas de dominação simbólica**. São Paulo: Paulus, 2020.

CITTON, Y. **The ecology of attention**. Cambridge: Polity Press, 2017.

CITTON, Y. **A economia da atenção: novos modos de ler e ouvir na era da informação**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COLLINS DICTIONARY. **Fake news**. 2024. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/fake-news>. Acesso em: 16 abr. 2026. Acesso em: 1 mar. 2026.

CONSTANTINO, E. P.; SOUZA, L. G.; GUARESCHI, P. A. **O método histórico-dialético: contribuições da teoria das representações sociais e da psicologia sócio-histórica**. In: CONSTANTINO, E. P. (org.). *Percursos da psicologia qualitativa em psicologia*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. p. 39–60.

CORNELLA, A. Como darse de baya y evitar la infoxicación en Internet. Extra! – Net. **Revista de Infonomia**. 1996. Disponível em: http://www.infonomia.com/pdf/1996_12_16_extranet.187.infoxicacion.pdf Acesso em: 10 Mar. 2026.

CZEZACKI, L. Não matem os macacos! Eles são aliados da saúde no combate à febre amarela. **Fiocruz**, 2017. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br>. Acesso em: 16 out. 2025.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DAVENPORT, T. H.; BECK, J. C. **The attention economy: understanding the new currency of business**. Boston: Harvard Business School Press, 2001.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 2000a.

DEMO, P. **Conhecer & aprender: sabedoria do cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage handbook of qualitative research**. 3rd ed. Thousand Oaks: Sage, 2006.

DIAS, R. A produtora Brasil Paralelo e a construção de narrativas historiográfico-midiáticas. **E-Compós**, v. 22, n. 1, p. 1–19, 2019.

DIAS, R. T. G. Brasil Paralelo e as novas direitas: o discurso historiográfico como arma de guerra cultural. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 8, n. 2, p. 17–36, 2019.

DOISE, W.; PALMONARI, A. **L'étude des représentations sociales**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1986.

DRETSKE, F. I. **Knowledge and the flow of information**. Cambridge, MA: MIT Press, 1981.

DUNKER, C. **Subjetividade em tempos de pós-verdade**. In: DUNKER, C. et al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 9-41.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DUTRA, M. Desinformação pandêmica: debate sobre o uso da cloroquina/hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19. **ÂNDÉ: Ciências e Humanidades**, São Bernardo do Campo, v. 5, n. 2, p. 64-76, 2021. DOI: 10.36942/iande.v5i2.579. Disponível em:

<https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/view/579>. Acesso em: 3 mar. 2026.

DUVEEN, G. O poder das ideias. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7–28.

FELINTO, E. “Nenhum Brasil existe”: atmosferas conspiratórias e cosmovisão reacionária nos documentários da Brasil Paralelo. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 50, p. 1–13, 2023. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2023.208380

FERREIRA, S. M. S. P. **Informação: construção, processo e produto**. DataGramaZero, v. 6, n. 3, 2005.

FERREIRA, M. C.; SANTOS, T. T. Social media and political polarization as threats to democracy. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 7, p. e7713746214, 2024.

FLORIDI, L. **Brave.Net.World: the Internet as a disinformation superhighway?**. The Electronic Library, v.14, n. 6, p. 509-514, 1996.

FLORIDI, L. **The philosophy of information**. Oxford: Oxford University Press, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/33814194/FLORIDI_Luciano_The_philosophy_of_information_Oxford_Oxford_University_Press_2011. Acesso em: 1 mar. 2026.

FLORIDI, L. **Information: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

FLORIDI, L. **Is Semantic information meaningful data? Philosophy and Phenomenological Research**, v. LXX, n. 2, March 2005.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FROHMANN, B. **Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information**. **Library Trends**, v. 52, n. 3, 2004. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/items/1775>. Acesso em: 2 mar. 2026.

FURLANI, A. S. Conspiracionismo eleitoral no YouTube: disputa de enquadramentos sobre urnas eletrônicas pela Brasil Paralelo. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, v. 25, esp. 1, 2025. Dossiê: Democracia, redes sociais e Inteligência Artificial. Disponível em: <https://doi.org/10.47284/cdc.v25iesp1.19672>.

GILLESPIE, T. Custodians of the Internet: Platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media. **New Haven**; London: Yale University Press, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327186182_Custodians_of_the_Internet_Platforms_content_moderation_and_the_hidden_decisions_that_shape_social_media.

Acesso em: 5 mar. 2026.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/fqMHsc5GNhFTgczMMnNkvDS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2026.

GRANJEIA, J.; ALMEIDA, R. Por dentro da máquina do Brasil Paralelo para dominar as buscas no Google. **Núcleo Jornalismo**, 31 jan. 2023. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/especiais/2023-01-31-a-maquina-do-brasil-paralelo>. Acesso em: 27 jan. 2026.

HABGOOD-COOTE, J. **Stop talking about fake news!** *Inquiry*, v. 62, n. 9–10, p. 1033–1065, 2018.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 1997. p. 13-74.

HAN, B. C. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HELLER, M.; JACOBI, P. R. Desinformação em tempos digitais: desafios e estratégias de combate. **Revista Foco**, v. 20, n. 2, p. 192–200, 2020.

ILLOUZ, E.; CABANAS, E. **Happycracia: Cómo la ciencia y la industria de la felicidad controlan nuestras vidas**. Barcelona: Paidós, 2019.

INTERCEPT BRASIL. **Brasil Paralelo: o que é, o que faz e quem financia**. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br>. Acesso em: 16 out. 2025.

IRETON, C.; POSETTI, J. **Journalism, fake news & disinformation**. Paris: UNESCO, 2019.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

JODELET, D. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679–712, set./dez. 2009.

JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concepts et théories. In: MOSCOVICI, S. **Psychologie sociale**. Paris: PUF, 1984. p. 357–378.

JOVCHELOVITCH, S. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 20–31, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200004>.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNGHERR, A.; SCHROEDER, R. **Disinformation and electoral politics**. Cambridge: Polity Press, 2021.

LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 9, 1998.

MACHADO, L. F. B.; FERREIRA, N. M. D. S.; DAMASCENO, C. R.; SANTOS, A. C. P. D.; PEREIRA, C. D.; CÉSAR, J. J. Recusa vacinar e o impacto no ressurgimento de doenças erradicadas. **Master Editora**, 2020. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20200907_164040.pdf. Acesso em: 2 mar. 2026.

MARANHÃO, E. M. de A.; COELHO, F. M. F.; DIAS, T. B. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. **Revista Eletrônica Correlatio**, Recife, v. 17, n. 2, dez. 2018. Disponível em: https://jornalggn.com.br/wp-content/uploads/2019/02/MARANHAO_F_Eduardo_Meinberg_de_Albuquerque.pdf. Acesso em: 4 mar. 2026.

MARQUES, J. F.; ALVES, E. C.; MEDEIROS, J. W. M. Desinfodemia: negacionismo e desinformação no contexto da covid-19 no Brasil. **Informação em Pauta**, v. 8, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/90662/249596> Acesso em: 3 mar. 2026.

MARTINS, D. S. O revisionismo histórico da Brasil Paralelo. **Revista de Análise Histórica**, v. 38, p. 34–56, 2024.

MARTINS, H. H. T. de S.. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289–300, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Alerta: Brasil concentra 40% de todo o conteúdo antivacina na América Latina. **Agência Brasil**, 16 out. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Dados da cobertura vacinal no Brasil**. Brasília: MS, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Não caia em fake news: aprenda a identificar notícias falsas sobre vacinação**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/julho/nao-caia-em-fake-news-aprenda-a-identificar-noticias-falsas-sobre-vacinacao>. Acesso em: 1 mar. 2026.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 1979.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PASCOAL, D.; POLONINI, G.; OLIVEIRA, T. Fake news como imposturas informacionais. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 2, p. 1–16, 2021.

PELÚCIO, Lucas B. **Conheça os personagens de Alice no País das Maravilhas: uma jornada psicológica e simbólica**. Brasil Paralelo, 2025. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/personagens-de-alice-no-pais-das-maravilhas-uma-jornada-psicologica-e-simbolica>. Acesso em: 11 jan. 2026.

PERDIGÃO, J. A.; SILVEIRA, F. J. N. da. Informação simbólica, representações sociais e identidade: aproximações conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 185–211, 2019. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245251.185-211>.

PEREIRA, G. T. F.; KOCHHANN, M. L. Informação, desinformação e infodemia: análise de conteúdos divulgados sobre as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 19, n. 1, p. 54–76, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5016/4pam0d91>

PINI, A. A vitória de Donald Trump nas eleições de 2016: a extrema-direita e as fake news. **Observatório da Política Europeia e União**, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2024/02/20/resenha-a-vitoria-de-donald-trump-nas-eleicoes-de-2016-a-extrema-direita-e-as-fake-news-de-an/>. Acesso em: 2 mar. 2026

PROJETO HISTÓRIA. A produção acadêmica das ciências humanas sobre a produtora Brasil Paralelo (2019–2024). **Projeto História**, v. 83, p. 8–45, 2025.

RABELLO, R. A informação institucionalizada e materializada como documento: caminhos e articulações conceituais. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, v. 13, n. 2, p 05-25. 2019.

RÊGO, P. M. S. Desinformação e pós-verdade no contexto contemporâneo. **Mediapolis – Revista de Comunicação**, Jornalismo e Espaço Público, n. 34, 2022. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-5462_34_25

REIS, A. S.; CABRAL, A. M. R. **Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007.

REIS, D.; SERRA, P. Desinformação, política e redes sociais no Brasil. **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 43, n. 1, p. 1–20, 2021.

RIBEIRO, A. Plataformização da comunicação e desinformação. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 2, p. 35–54, 2020.

ROCHA, L. F. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 804-817, 2014. DOI: 10.1590/1982-3703002362014.

ROTONDANO, R. O.; MARTINI, S. R. COVID-19 em tempos de pós-verdade: o dilema das vacinas e dos jacarés. In: MARTINI, S. R. (org.). **Vacina como medida essencial de combate à pandemia: perspectivas de direito fraterno – movimento entre os saberes: a transdisciplinaridade e o direito**. v. XIV. [S.l.]: Essere Nel Mundo, 2021. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/65788110/e_book_vacina-libre.pdf?1614350809=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_DEFINICAO_DE_GRUPO_POS_PRIORITARIOS_PARA.pdf&Expires=1772575186&Signature=Lr8pfUHhCrzE-01JaOgK-lph-HUeKpoRs1TGoXvc9spZA4FPuZVc3diVpomBJaQKfqxWaJU7R8TeKfVnHEWHIHRoV5W8cUxfPNzxLudz0MxbOldxYQijx-TA1zQudtzKILSO1E6D0qa-LW0ZN3vM5SwKJ~XDdGd-VJ5Pblr4jVMJmjTNRfxXWYSytYEoumtO6UJ~hH8-J~jUvluhMfoMVuKxn4A__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=93. Acesso em: 6 mar. 2026.

SALGADO, J. O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. **Revista EcoPós**, 2021.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, A. C. Combate à desinformação e o protagonismo social do sujeito: inter-relação entre os estudos culturais de Stuart Hall e a competência em informação e em mídia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 28, n. dossiê especial, p. 1-22, 2023. DOI: 10.5007/1518-2924.2023.e92988. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92988>. Acesso em: 25 fev. 2026.

SANTOS, C.; MICHELOTTI, A.; MENDONÇA, R. “Cortina de Fumaça” -Negacionismo ambiental e imaginário colonial no YouTube. **Mídia e Cotidiano**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 74–95, 2024. DOI: 10.22409/rmc.v18i1.59776.

SANTOS, M. F. de S. Representação social e a relação indivíduo-sociedade. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 107–118, dez. 1994. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n3/v2n3a13.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2026.

SCHLEGEL, R.; FREITAS, C. Fake news no Brasil: impactos na política e na saúde. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 104, p. 1–18, 2020.

SEIXAS, C. M. **Metodologia da pesquisa em comunicação**. São Paulo: Contexto, 2017.

SEM RELATÓRIO, projeto de lei contra fake news tem votação adiada. **Senado**

Notícias, Brasília, 2 jun. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/06/02/sem-relatorio-projeto-de-lei-contra-fake-news-tem-votacao-adiada>. Acesso em: 24 fev. 2026.

SILVA, E. C. de M.; OLIVEIRA, A. G. N. de; ORTELLADO, P. “Você confia nas urnas eletrônicas?”: desinformação eleitoral como instrumento de cooptação para-institucional. **Estudos Eleitorais**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2025. Disponível em: <https://revistaeje.tse.jus.br/estudoseleitorais/article/view/344>. Acesso em: 2 mar. 2026.

SILVA, H. M. Challenges and reflections on pandemic disinformation: the case of hydroxychloroquine and the implications for global public health. **Value in Health Regional Issues**, v. 43, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vhri.2024.101005>.

SILVA, J. M. da; OLIVEIRA, R. S. Fake news e democracia: uma análise dos efeitos da desinformação nas redes sociais. **Cadernos de Comunicação**, Marília, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/download/19715/20074/88434>. Acesso em: 1 mar. 2026.

SILVA, L. S. P. da; AMÉRICO, M. Algoritmos: a fábrica de fake news e a engenharia da desinformação. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, e13803, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n1-314>. Acesso em: 5 mar. 2026.

SILVA, N. de O.; FERRO, R. J. O.; ARAÚJO, R. F. de. Análise bibliométrica da produção científica sobre desinformação e redes sociais no Brasil. **Seminário Internacional de Informação, Tecnologia e Inovação**, v. 7, e244, 2025. Disponível em: <https://observinter.al.org.br/index.php/siti/article/view/244>. Acesso em: 13 fev. 2026.

SILVA, R.; DIAS, L. Redes sociais digitais, política e circulação de desinformação. **Revista Mediação**, v. 25, n. 2, p. 75–93, 2020.

SILVA, T. Desconstruindo as fake news através da análise de discurso crítica: um olhar interdisciplinar. **Revista Saridh**, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/RevSaridh/article/download/32284/17354/115189>. Acesso em: 1 mar. 2026.

SILVA, T. F. S.; PRADO, M. A. R. do. Alerta vermelho: desinformação, pós-verdade e fake news – uma ameaça constante à sociedade. **SITI – Seminário Internacional de Informação, Tecnologia e Inovação**, Maceió, v. 6, e201, 2024. Disponível em: <https://observinter.al.org.br/index.php/siti/article/view/201>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil: mídia, desinformação e política**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SOUZA, D. B. de. **Representações sociais sobre indisciplina em sala de aula dos professores em início de carreira da rede municipal de Presidente Prudente-SP: implicações para a formação inicial**. 2005. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade

Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/92366>. Acesso em: 2 mar. 2026.

STRIPHAS, T. Algorithmic culture. **European Journal of Cultural Studies**, v. 18, n. 4–5, p. 395–412, 2015.

TAP, P. **Masculin et féminin chez l'enfant**. Toulouse: Privat, 1985.

TEIXEIRA, C. **Fake news: história e conceito do fenômeno**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

TEIXEIRA, J. de F. Book review: Knowledge and the flow of information. **Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia**, Marília, v. 12, p. 133–140, 1989.

TUCKER, J. A.; GUESS, A.; BARBERA, P.; VACCARI, C.; SIEGEL, A.; SIEGEL, A.; SANOVICH, S.; STUKAL, D.; NYHAN, B. Social media, political polarization, and political disinformation: a review of the scientific literature. **SSRN Electronic Journal**, 2018. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3144139>. Acesso em: 16 jan. 2026.

UNESCO. **Ciudadanía alfabetizada en medios e información: pensar críticamente, hacer clic sabiamente**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000385119>. Acesso em: 12 fev. 2026.

UNESCO. **Journalism, “fake news” and disinformation: handbook for journalism education and training**. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://webarchive.unesco.org/web/20230926213448/https://en.unesco.org/fightfakenews>. Acesso em: 1 mar. 2026.

USCINSKI, J. **Conspiracy theories: a primer**. London: The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc., 2020.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. L. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **SciELO Preprints**, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7697>

VENTURA, L. **A guerra das fake news: a disputa da verdade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. **Strasbourg: Council of Europe**, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-report/168076277c>. Acesso em: 1 mar. 2026.

WEIDINGER, L.; MELLOR, J.; RAUH, M.; GRIFFIN, C.; UESATO, J.; HUANG, P.-S.; CHENG, M.; GLAESE, M.; BALLE, B.; KASIRZADEH, A.; KENTON, Z.; BROWN, S.; HAWKINS, W.; STEPLETON, T.; BILES, C.; BIRHANE, A.; HAAS, J.; RIMELL, L.; HENDRICKS, L. A.; ISAAC, W.; LEGASSICK, S.; IRVING, G.; GABRIEL, I. Ethical and social risks of harm from language models. **arXiv**, 2021. Disponível em:

<https://arxiv.org/abs/2112.04359>. Acesso em: 16 jan. 2026.